FÁBIO YABU
Princesas do Mar
A BALADA DA PRINCESA ESQUECIDA
PANDA BOOKS

FÁBIO YABU

Princesas do Mar

A BALADA DA PRINCESA ESQUECIDA

Este livro segue as normas do novo ACORDO ORTOGRÁFICO

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

O Mundo de Salácia. 7

1. Uma carta misteriosa 11
2. A balada da Princesa Esquecida 17
3. Um rei diferente 23
4. Uma estranha visitante 29
5. A espiã 35
6. A vida de Maya 43
7. Visita à biblioteca 49
8. A discussão 57
9. A princesa revelada 65
10. Em busca de Maya 73
11. O plano de Espinho 79
12. A vitória de Espinho 87
13. Uma nova balada 93

O autor 96

O MUNDO DE SALÁCIA

Desde que aprenderam a se comunicar, antes mesmo de descobrirem as palavras, os homens de Terra Firme sabem da importância de se contar histórias. Tudo começou com algumas bem simples, que explicavam aquilo que eles não entendiam sobre o sol, a terra e o mar. Histórias que passaram de geração em geração, contadas e recontadas inúmeras vezes, foram modificadas pelo tempo, moldaram vidas e países, definiram épocas, tornaram-se lendas.

Uma dessas histórias falava da Deusa chamada Salácia. A bondosa guardiã dos mares cuidou de toda a vida marinha por milênios, protegendo e ajudando não só seus habitantes, como também o povo-irmão de Terra Firme, com quem viveu em harmonia por muitos anos.

Porém um dia as coisas mudaram. O equilíbrio foi quebrado e o povo de Terra Firme passou a explorar indiscriminadamente o Mundo de Salácia. Peixes foram mortos, espécies foram extintas, corais foram devastados. A situação ficou tão grave que ameaçou a sobrevivência de ambos os povos. Para proteger seus filhos e seu mundo, a Deusa o separou em diversos reinos, como o dos polvos,

dos tubarões e das estrelas-do-mar. Para cada um deles, ela elegeu um rei e uma rainha, que se tornaram os responsáveis pela sua proteção.

O tempo passou, e as famílias reais de Salácia foram abençoadas com a chegada de lindas crianças. Príncipes e princesas como Polvina, Estér e Tubarina, que são as alunas mais notórias da professora Márcia – não pelas boas notas, mas pela incrível capacidade de se meterem em encrencas. As aventuras que viveram logo se tornariam histórias, como aquela em que salvaram um tubarão em perigo, ou a outra em que a água foi tomada por uma enorme sombra, ou ainda aquela em que elas encontraram as cartas de uma menina chamada Vento. Aventuras incríveis, histórias fantásticas, que seriam contadas por muitos e muitos anos no Mundo de Salácia – e talvez até mesmo em Terra Firme.

Essa é mais uma dessas histórias. Porém, por pouco ela não chegou às suas mãos. Um perigoso vilão, que sabe o poder que as histórias têm, tentou impedir que esta fosse contada. Ela fala sobre coragem, amizade verdadeira e perseverança, mas absolutamente ninguém parecia se lembrar dela, ou de sua protagonista... uma misteriosa princesa esquecida cujo destino é salvar o mundo.

1. Uma carta misteriosa

Já fazia alguns dias que Polvina não dormia direito.

Quando era mais nova, a Princesa dos Polvos costumava ter pesadelos, alguns bem ruins, mas eles se tornaram menos frequentes com o passar do tempo. O pai dela também costumava dizer que ela era sonâmbula e que tinha mania de andar pela casa durante a noite. Só que ela não se lembrava de fazer nada daquilo.

Naquelas últimas semanas que antecediam o final do ano e as férias escolares, Polvina não teve pesadelos e, até onde sabia, não perambulou pela casa com as mãos na frente do corpo. Mas, ainda assim, algo estava atrapalhando seu sono. Todos os dias ela acordava com uma sensação esquisita, como se estivesse faltando alguma coisa. Alguma coisa importante.

Não foi diferente naquela manhã. Ela abriu os olhos e viu o teto cor-de-rosa do seu quarto, que já estava todo iluminado pela luz que entrava através da janela. Sentiu o cobertor quente por cima do seu corpo, o colchão macio embaixo de si, e tentou não pensar em nada. Ficou olhando para o teto um bom tempo, procurando lembrar dos seus sonhos, tentando entender por

que aquele incômodo não passava. Foi então que ouviu alguém batendo gentilmente à porta do seu quarto:

– Bom dia, princesa! – disse seu pai, o Rei Polvo. – Hora de acordar!

– Já vou, pai!

Ela se levantou prontamente e foi até o banheiro. Olhou para o espelho e viu seu cabelo desarrumado. A dúvida permanecia: o que era aquela sensação? Teria ela esquecido algo importante? Talvez o aniversário de alguém da família? Difícil, ela nunca esquecia aniversários de familiares. Das amigas talvez? Não. Tubarina fazia em abril; Estér, em setembro.

Ela escovou os dentes, tomou um banho rápido e, com aquela dúvida na cabeça, foi até a cozinha, onde os pais a esperavam.

– Bom dia, pai, mãe – ela abraçou o rei e a rainha, que já estavam elegantemente vestidos.

– Bom dia, princesa! – responderam. Aquela era uma ocasião rara: muitas vezes um dos dois estava fora do reino em reuniões importantes. Polvina ficou feliz por tomar café da manhã com a família.

– Que cara é essa, filhota? – perguntou o rei.

– Nada não, papai. Só estou com sono.

– Toma esse suquinho que eu fiz pra você! – disse a rainha. – Vai te deixar mais animada!

Durante todo o desjejum, ela permaneceu quieta, pensativa, enquanto seus pais conversavam sobre algum assunto de trabalho. Parecia que um dos reis de Salácia estava causando polêmica em seu governo:

– Esse rei tem causado muitos problemas, não? – perguntou o pai, enquanto folheava o jornal do dia.

– Sim. Pelo visto, hoje teremos que ir até o reino...

A Rainha Polvo foi interrompida por frenéticas batidas à porta, que só não eram mais altas que a voz estridente que berrou:

– BOM DIA, PESSOAL! Polvina, vamos, estamos atrasadas, para variar! – gritava Estér, a Princesa das Estrelas-do-Mar, do lado de fora do castelo. Ela e Polvina iam à escola juntas todos os dias, desde o começo daquele ano letivo, que já estava chegando ao fim.

– Hummm, já? – disse Polvina, enquanto enfiava uma torrada na boca e colocava a mochila em formato de polvo nas costas. – Tchau, mãe! Tchau, pai! –

ela deu um beijinho em cada um, meio melado por causa da geleia, e correu para a porta.

– Não se esqueça do seu lanche! – disse a rainha, que já havia preparado tudo ao acordar.

Polvina voltou para pegar a lancheira e saiu correndo.

– Obrigada! Peraí, Estér!

O rei e a rainha sorriram orgulhosos ao ver a filha saindo correndo para a escola.

– Ela cresceu tanto em um ano, não é? – comentou o pai.

– Logo nossa princesa não precisará mais de nós! – disse a mãe. – Bom, vamos nos preparar, querido! Temos um longo dia pela frente. Só de pensar na reunião que teremos daqui a pouco já me sinto mal.

– Eu também, querida. Eu também. Vou mandar preparar a nossa carruagem.

Alheia à preocupação dos pais, Polvina entrou no carro de Estér. O Rei Estrela-do-Mar as levaria para a escola naquele dia. No caminho, Polvina permaneceu quieta. Mas era muito difícil manter a concentração com Estér por perto, pois ela adorava conversar:

– Então, Polvina? Viu a novela ontem? Ai, eu adorei. O beijo foi tão romântico! Mas será que vão pegar o vilão? Ah, você não gosta de novela, né? Então, e aí, fez a lição de casa? Rá, nem sei por que eu pergunto, você sempre faz. Sabe o que eu comi hoje de manhã? Bolo de chocolate! Estava bom, viu! Não tava doce demais, como o da semana passada. Doce demais fica enjoativo. Acho que comentei com você e...

Polvina apenas sorria e concordava com a cabeça, enquanto Estér balançava os braços, respondia às próprias perguntas e ria sozinha das próprias piadas. Ela só parou de falar quando elas chegaram no castelo de Tubarina, a Princesa dos Tubarões. Que, como sempre, não estava de muito bom humor e já chegou resmungando:

– Posso saber por que demoraram tanto? Não aguento mais me atrasar por causa de vocês! Eu vou falar para a professora Márcia!

– Ai, Tubarina, não precisa ser grossa! – disse Estér. – Eu demorei um pouco no banho e...

– Eu também acordei tarde, Tubarina. Desculpe – disse Polvina, tentando acalmar os ânimos da amiga.

– Quando a gente vai com o meu pai, a gente nunca se atrasa! – Tubarina cortou. Ao volante, o Rei Estrela-do-Mar fingiu que não ouviu o desaforo.

– Ei, Tubarina, olha o respeito com o meu pai!

– Então fala pra ele não se atrasar mais!

O Rei Estrela-do-Mar acabou rindo e se desculpou com Tubarina:

– Me perdoe, Tubarina! Mas não se preocupe, tenho certeza que vocês chegarão antes da professora Márcia. Eu já a vi brava algumas vezes e, se depender de mim, vocês não verão isso tão cedo! – E acelerou o carro, para alegria de Estér, que gritou "Iupiiii! Acelera, papi!".

Já Polvina não estava nem aí. Ela observava tranquilamente o lindo caminho para a escola. Por mais que o visse todos os dias, cada dia trazia algo de novo. Os corais se mexiam, mudavam de cor e forma, os peixes coloriam o horizonte e até a areia dançava quando uma arraia ou um linguado resolvia se esconder. O fundo do mar é uma grande tela que nunca acaba de ser pintada.

Às vezes, ela pensava nas outras meninas. Não princesas como ela, Estér ou Tubarina, que frequentavam uma escola especial, somente para os filhos da realeza. Mas nas meninas de vida comum, filhas de engenheiros, médicos, soldados ou artistas do Mundo de Salácia. Será que a escola delas era muito diferente? Por um momento, ela se sentiu um pouco mal por não ter amigas fora da escola. Mas isso também tinha uma explicação, pensou. Até bem pouco tempo, ela mal saía de casa e tinha aulas somente com tutores. É que ela morria de medo de sair e encontrar um tubarão por aí. Isso só mudou depois que ela conheceu Tubarina.

Graças à amiga, passou a respeitar e admirar os tubarões, injustamente tachados como vilões do mar. Chegou a manter amizade com alguns durante aquele ano, e, por conta disso, havia feito um desenho para entregar na aula de artes.

– Quer ver meu desenho, Tubarina?

– Aquele dos tubarões? Claro!

Polvina abriu sua mochila para pegar o desenho. Procurou dentro do

caderno e dos livros, mas estranhamente não encontrou nada. Teria ela se esquecido, ao sair correndo de casa? Porém, algo dentro do livro chamou sua atenção: um pequeno envelope cor-de-rosa lacrado com um adesivo em forma de coração.

– Um envelope? Quem deixou isso aqui?

– Que estranho! – comentou Estér. – Bom, vamos ver o que é, anda!

– Ei! Não tem nada de "vamos", Estér! Cartas são coisas pessoais, você não pode ler! – disse Polvina, tirando o envelope da vista da amiga.

– Ah, Polvina! O que foi? Será que você tem algum admirador secreto, é? Conta, conta! – provocou Estér.

– Claro que não, Estér. Deixa de ser boba!

– A Polvina tem um namorado, lá-lá-lá! – provocou Estér. – Quem é o felizardo, hein? É o Sirilo, Príncipe dos Siris? Ou o Mauriço, dos Ouriços?

– Estér, para! Não é nada disso!

– Ah, vai, Polvina! Deixa disso, a gente não tem segredos uma para a outra, tem? – Tubarina também se interessou.

– Tá bom, vai. Vou abrir.

Polvina puxou o adesivo que lacrava o envelope e de lá tirou uma carta com uma mensagem misteriosa. Estér e Tubarina não entenderam sua cara de espanto até que ela falou:

– Mas que estranho. Está escrito... com a minha letra!

2. A Balada da Princesa Esquecida

O papel do bilhete misterioso tinha o brasão da Família dos Polvos, usado apenas para os documentos oficiais do reino. Nele estava escrito:

A balada da Princesa Esquecida
O mal se espalha no Reino Profundo
Na noite escura, a luz será protegida
O segredo para salvar o mundo
É guardado pela Princesa Esquecida

Estér se empolgou com aquelas palavras:

– Balada? Que legal, onde vai ser essa "balada"? Quero ir!

– Estér, "balada" não quer dizer apenas "festa". Também significa música ou poesia, como essa... – Polvina explicou, embora ainda estivesse confusa.

– Polvina, por que você escreveu isso? – perguntou Tubarina. – Bom, eu não entendi nada, mas achei bonito, viu! Dramático, mas bonito! É algum trabalho da escola que eu esqueci de fazer? Ai, a professora Márcia vai me matar!

– Tubarina... eu não sei! Eu não me lembro de ter escrito nada disso... eu nem sei o que quer dizer.

– Que estranho... – disse Tubarina, colocando a mão na testa de Polvina. – Acho que você está estudando demais, Polvina. Deve estar estressada, é isso.

– Eu não acho que o problema seja esse, Tubarina. Sabe o que isso parece, Polvina? – perguntou Estér.

– O que, Estér?

– Uma...

– ... aventura – Polvina e Tubarina responderam ao mesmo tempo, desanimadas.

– É isso aí! – comemorou Estér. Ela abriu as mãos e depois os braços no ar. – Vai se chamar "O mistério da balada da Princesa Esquecida". Nossa, que comprido. Melhor "O mistério da...".

– Estér, não! Nem começa! Não tem nada de aventura. Já tivemos aventuras demais este ano. Eu não quero ter novas aventuras até... sei lá... o terceiro ou quarto ano! – censurou Polvina.

– E eu até a faculdade, depois dos apuros em que a gente se meteu na última vez. Ou melhor, em que eu me meti por causa de vocês duas! – disse Tubarina.

Estér fingiu que nem ouviu, e as duas começaram a discutir. Felizmente, logo as princesas chegaram à escola e os ânimos se acalmaram.

Polvina ficou intrigada com o mistério. Na classe, ela olhava fixamente para o papel e relia aquelas palavras. Ela escreveu "Princesa Esquecida" em um canto da folha e reparou como as letras eram idênticas às do bilhete, escritas com uma caligrafia caprichada, que ela aprendeu em aulas particulares.

Márcia era a professora de todas as Princesas do Mar, e possivelmente uma das pessoas mais respeitadas do Mundo de Salácia. Muitas vezes até mesmo os reis e rainhas vinham se aconselhar com ela. Como fazia todos os dias, ela entrou na sala e cumprimentou a todos, sorridente. Começou a fazer a chamada e, discretamente, Polvina abriu seu caderno na última folha e começou a anotar os nomes, um por um:

– Muito bem, vamos à chamada. Agostinha!

– Presente, professora Márcia! – respondeu a Princesa das Lagostas.

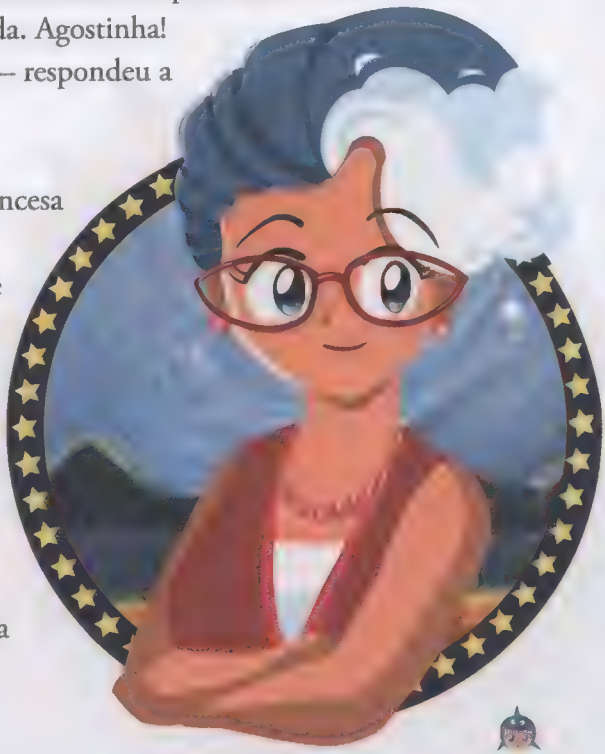
– Angélica!

– Presente – respondeu a Princesa dos Peixes-Anjo.

E a chamada prosseguiu até o final da lista, que terminava com Vivi, a Princesa das Águas-Vivas.

– Vivi? – a professora olhou para o assento vazio. – Onde está a Vivi? Atrasada de novo?

Polvina olhou para o lugar da amiga. Mas logo em seguida ela chegou.



– Desculpe, professora Márcia! – disse, esbaforida. Ela era a única que conseguia se atrasar mais do que Polvina, Estér e Tubarina. Mas isso tinha uma explicação: o Castelo das Águas-Vivas era uma grande fortaleza flutuante, que viajava com as correntezas, por isso nem sempre amanhecia no mesmo lugar. Por conta disso, a professora Márcia sempre lhe dava um desconto.

– Tudo bem, Vivi. Pode se sentar – autorizou a professora. – Bom, vamos começar a aula?

Com a chegada de Vivi, Polvina tinha a lista de todas as princesas e príncipes presentes anotada em seu caderno.

– Professora, não está faltando ninguém? – perguntou.

– Deixe-me ver... – a professora olhou o diário de classe e conferiu a lista de alunos. – Não. Por quê? Estão todos aqui.

– Não está esquecendo ninguém, não? – Polvina insistiu, o que causou certo desconforto na professora e risadinhas na classe. Do fundo da sala, o debochado Mauriço, Príncipe dos Ouriços, brincou:

– Acho que a Tubarina não veio. Ah, droga, não tivemos tanta sorte! – A classe inteira riu.

A Princesa dos Tubarões não deixou barato:

– Cala a boca, moleque!

– Tubarina, Mauriço, não vamos começar com as gentilezas. Polvina, não tem ninguém faltando. Se tivesse nós perceberíamos, não?

– Que estranho...

O que Polvina não sabia era que ela estava sendo observada. Quem percebeu foi Eletropaula, a Princesa das Enguias-Elétricas, que apontou para a janela e disse:

– Ué, tem uma enguia-elétrica na janela!

A enguia parecia estar espiando a classe, mas partiu tão logo percebeu que foi vista. Eletropaula achou aquilo muito estranho, já que todas as enguias-elétricas gostavam de cortejá-la e conversar com ela.

– Ela foi embora... – disse Eletropaula, confusa. – Que coisa mais esquisita!

– Que dia mais esquisito! – comentou Estér.

Enfim, a aula prosseguiu normalmente. A professora Márcia retomou a matéria do dia anterior e uma das últimas do ano: a conservação dos recifes de corais. O crescente desaparecimento deles era um assunto que preocupava muito a todos no Mundo de Salácia.

Enquanto isso, a misteriosa enguia percorreu uma longa distância em alta velocidade e se escondeu atrás de uma pedra. Olhou para um lado, olhou para o outro, não estava sendo vista, entrou num buraco na pedra e sumiu sem deixar vestígios.

Ela seguiu por um caminho estreito, escondido dentro das rochas, que levava até as profundezas do mar. Lá, saiu dentro de uma caverna sombria, cheia de afiadas estalactites no teto. Em um trono feito de pedra, seu mestre aguardava sentado. Era difícil ver seu rosto, mas a silhueta do seu corpo revelava um homem muito alto e forte. Com uma voz que parecia um trovão, ele perguntou com fluência no difícil idioma das enguias:

– Descobriu alguma coisa?

– Ainda não, mestre. A Princesa Eletropaula me viu e...

O mestre ficou furioso.

– Eu não mandei você ser discreta? Se alguém ligá-la a mim será o fim do meu reinado! E isso vale para todos vocês!

Ele estava bufando de raiva. E, na frente do seu trono, não apenas salinos como ele, mas também tubarões, arraias, marlins e muitos outros animais se entreolharam. Eles pareciam temê-lo. E com toda razão.

3. Um Rei Diferente

Na caverna, o homem que falava com a enguia espiã parecia muito irritado. Ele desceu do seu trono, e todos, respeitosamente, se curvaram para que passasse. Nem mesmo os tubarões, que precisam estar sempre em movimento para respirar, se moveram. Ele caminhou alguns passos e puxou uma pedra da parede, que revelou uma passagem secreta com uma escada. Subiu até um salão e a passagem se fechou. Atrás de si, seus súditos respiraram aliviados.

O enorme salão onde ele estava era tão sombrio quanto a caverna. Luzes fracas iluminavam móveis antigos e maltratados pelo tempo. No teto, um enorme lustre enferrujado tinha apenas algumas lâmpadas acesas, e parecia que ia cair a qualquer momento. Aquele lugar já havia tido dias melhores. Sentado em uma poltrona antiga, o homem pensou: "Eu ergui esse reino das ruínas! E farei a mesma coisa pelo Mundo de Salácia, que voltará a seus tempos de glória! Tudo o que eu preciso é descobrir qual das Princesas do Mar guarda o segredo que desejo. Qual delas será? Qual?".

Seu pensamento foi interrompido por um mordomo esquelético que olhou pela porta entreaberta. Ele também parecia ter muito medo daquele homem.

– Se-se-nhor...

– O que foi?

– O senhor tem... visitas – disse o mordomo, intimidado.

O homem lembrou-se de seu compromisso, mas não parecia nada feliz com aquilo. Bufou e, a contragosto, foi até outro salão, onde dois ilustres visitantes o aguardavam.

– Rei e Rainha Polvo! A que devo essa visita, vinda de tão longe? – perguntou, sorrindo falsamente.

– Ahã, Majestade – cumprimentou o pai de Polvina –, obrigado por nos receber. Viemos conversar sobre o seu governo. Algumas atitudes que você vem tomando têm soado um pouco... polêmicas.

– Eu diria prejudiciais – completou a rainha, sem meias palavras.

O falso sorriso do homem parecia talhado em seu rosto:

– "Prejudiciais", Majestade? Com todo o respeito, Vossa Majestade está se referindo a quê? Acredito que seja ao vosso reino, ou a algum outro reino de Salácia, pois por aqui as coisas estão indo muito bem. Peixes e salinos têm aprovado meu governo. Pela primeira vez em muito tempo há comida farta e segurança para todos.

– Mas a que custo? – perguntou a Rainha Polvo. – O senhor está semeando a discórdia entre os animais. Muitos deles estão abandonando seus reinos e se mudando para cá...

– E qual é o problema? Os animais sabem que aqui eles contarão com um rei que fala muitas línguas e conhece as necessidades de todas as espécies, não só desta ou daquela, como os polvos, por exemplo – provocou. – Eles querem se sentir protegidos das ameaças de Terra Firme. Que lugar melhor para isso que o meu reino?

– Mas isso não é certo. Nem todos em Terra Firme são ruins. Até mesmo alguns mergulhadores já provaram seu valor e respeito. Vossa Majestade está interferindo no equilíbrio...

– Interferindo? Pois Vossa Majestade não se lembra da Quinta Lei de Salácia? "Respeitar a todos os reinos como a um só"? Acredito que estou seguindo perfeitamente essa lei tão importante, dando abrigo e alimento a todo e qualquer animal que venha para cá, independente de sua origem. Tenho certeza de que é isso que nossa querida Deusa Salácia gostaria, onde quer que ela esteja!

– Mas...

O homem levantou o tom de voz:

– Não tem nada de "mas" – ele estava claramente irritado, mas o falso sorriso amarelo não saía do seu rosto. – Se os animais estão se mudando para cá é porque eles não estavam satisfeitos com a vida que levavam em seus reinos. Perguntem a eles o que acham do meu governo. Verão que a resposta será sempre a mesma. Agora, se me dão licença, preciso trabalhar. Espero que o reino de vocês esteja tão seguro quanto o meu... Majestades.

O Rei Polvo entendeu a ameaça e não se deixou assustar:

– Polvos sabem se cuidar. São predadores que podem fazer frente a um tubarão quando querem, rei...

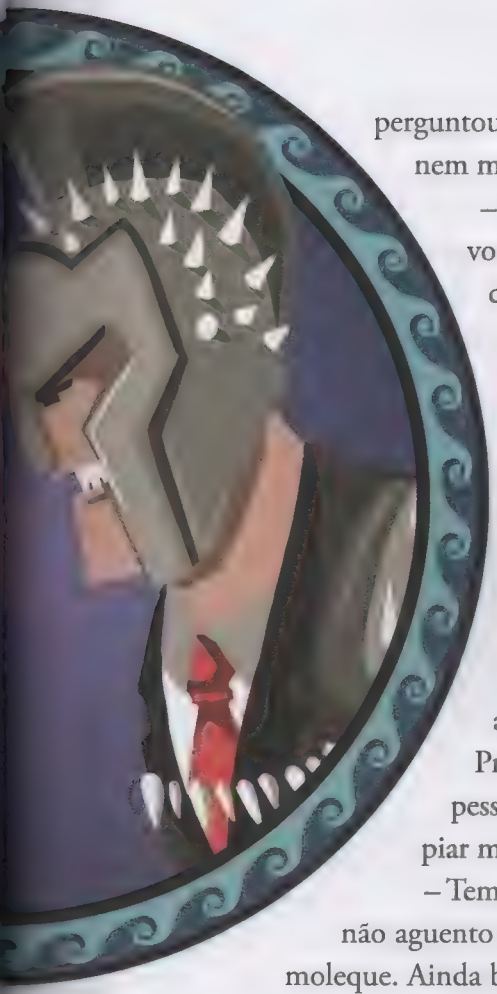
– Por favor, sem formalidades, meu caro Polvo. Me chame pelo meu nome, Espinho. Em breve, todo o Mundo de Salácia ouvirá muito esse nome – ele deu as costas e partiu, deixando para trás o Rei e a Rainha Polvo bastante preocupados.

– Ele vai nos causar problemas – disse o Rei Polvo.

– Já está causando – lamentou a rainha. – Precisamos falar com o Rei Tubarão com urgência!

Longe dali, a aula havia terminado. Estér e Tubarina foram almoçar e passar a tarde na casa de Polvina. Durante o almoço, elas conversavam:

– Por que aquela enguia-elétrica estava olhando para a nossa classe? –



perguntou Tubarina, entre uma garfada e outra. – Ela nem mesmo foi falar com a Eletropaula!

– Talvez ela tenha ficado com vergonha. Aliás, vocês sabem muito bem que a professora Márcia não gosta que fiquem interrompendo a aula dela – disse Polvina.

– Isso tá é com cara de mais um mistério, né? – disse Estér. – E quem vai resolvê-lo? – ela levantou a mão bem alto. – EEUUU!

Polvina pegou a mão de Estér e a baixou:

– Estér! Não tem mistério nenhum, ouviu? Eu pensei bem durante a aula e cheguei a uma conclusão. Esse negócio de "balada da Princesa Esquecida" só pode ser obra de uma pessoa: o Mauriço! Ele deve ter aprendido a copiar minha letra direitinho.

– Tem razão, Polvina! – concordou Tubarina. – Eu não aguento mais as brincadeirinhas de mau gosto desse moleque. Ainda bem que as férias estão chegando e só vamos vê-lo de novo no ano que vem!

– Polvina, que absurdo! Que ideia maluca é essa? – disse Estér.

– E você tem uma ideia melhor? – perguntou Tubarina.

– É claro que sim! Eu aposto que esse bilhete veio... veio...

– Veio de onde, Estér? – Polvina estava quase rindo.

– Veio do... veio do futuro! É isso mesmo! O seu eu-futuro escreveu essa mensagem pra você, Polvina. Tudo faz sentido agora.

– Certo. E quem é a "Princesa Esquecida"?

– Ela é... ela é... alguém que um dia vai salvar o mundo. Por isso precisamos encontrá-la, Polvina. – Estér segurou uma das mãos de Polvina e apontou a outra para o alto como se fosse uma super-heroína.

– Ai, Estér, quer saber? Não quero mais falar disso! – Polvina dobrou o papel da balada e o guardou em seu caderno.

– Polvina! Você está condenando o presente, o passado e o futuro! – Estér bancou a desesperada. – O que o seu eu-futuro vai achar disso?

– Não sei, Estér, mas, se esse bilhete for mesmo do futuro, eu prefiro esperar para ver. Enquanto isso, por que você não pensa em outra teoria maluca? – Polvina estava claramente irritada, algo raro de se ver.

Estér começou então a falar de todas as ideias que ela via na TV ou nos videogames: que o bilhete poderia ser de uma irmã gêmea maligna de Polvina, que havia sido abandonada e esquecida quando era criança. Ou então que não era do futuro, e sim do passado, de tudo que era lugar. Mal sabia ela que a verdade era ainda mais fantástica que sua imaginação.

4. Uma estranha visitante

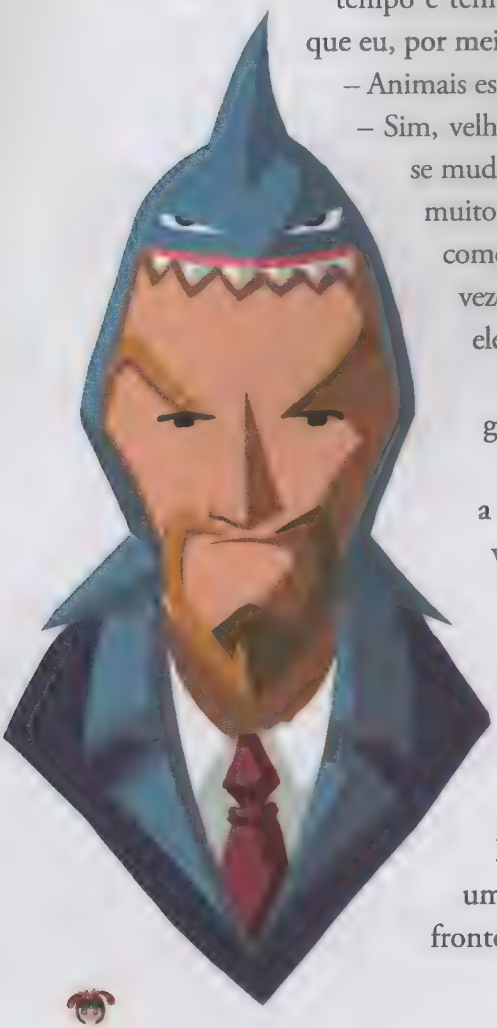
Após a desagradável reunião daquela manhã, o Rei e a Rainha Polvo se dirigiram imediatamente ao Castelo dos Tubarões, onde o Rei Tubarão, pai de Tubarina, já os aguardava, ansioso:

– Como foi a reunião? – perguntou sem cerimônia.

– Nada boa – disse o pai de Polvina. – Acho que você está certo, velho amigo. O "Rei das Sombras" é um lunático. Talvez tenhamos que deixar a diplomacia de lado e partir para a ação.

– Você está sugerindo que devemos partir para o conflito? – a Rainha Polvo questionou o marido. – Não há guerras em nosso mundo há séculos, querido.

– Mas talvez os dias de paz estejam chegando ao fim, Majestade – disse o Rei Tubarão. – Como vocês sabem, estou de olho em Espinho há algum tempo e tenho indícios de que ele tem feito o mesmo que eu, por meio de... animais espiões.



– Animais espiões? – perguntou, chocado, o Rei Polvo.

– Sim, velho amigo. Animais de todas as espécies têm se mudado para o Reino de Espinho. Descobri que muitos juraram lealdade a ele e têm trabalhado como espiões infiltrados em nossos reinos, muitas vezes até em nossos próprios castelos, dizendo a ele tudo o que fazemos e planejamos.

– E você tem alguma prova disso? – perguntou a Rainha Polvo.

– Não, nenhuma que ligue os animais a ele. Parece que também há salinos envolvidos na conspiração. Até descobrirmos o que está acontecendo, não podemos confiar em ninguém, meus amigos. Em ninguém.

O Rei Tubarão olhava pela janela do seu castelo e contemplava seu grandioso exército reunido no pátio. Durante anos, ele treinara aqueles soldados um a um, preparando-os para possíveis confrontos, que nunca chegaram, com Terra Firme.

Ele nunca imaginara que um dia teria que usá-los contra alguém do seu próprio mundo – ou pior, do seu próprio reino.

Mais tarde, os pais de Polvina voltaram para o Castelo dos Polvos e jantaram com a filha. Eles contaram que tiveram o dia cheio de compromissos e reuniões, incluindo o desagradável encontro daquela manhã com o Rei Espinho, mas não comentaram sobre a teoria do Rei Tubarão de que havia espiões espalhados pelos reinos. Eles não queriam deixá-la preocupada.

Para não falar apenas de coisas desagradáveis, o Rei Polvo lembrou-se de algo que Polvina certamente gostaria:

– Filha, eu e sua mãe estivemos pensando. Esse ano foi muito agitado para você e suas amigas. Achamos que você merece um descanso, por isso, resolvemos lhe dar um presente.

– Presente, papai? Que presente?

– Uma viagem de férias! – disse a Rainha Polvo.

Polvina se empolgou com a ideia.

– Que demais! E para onde?

– Isso você é quem vai decidir! Converse com Estér e Tubarina, nós falaremos com os pais delas, certo? Se quiser levar mais alguma amiga, fique à vontade!

– Viva! Obrigada, papai, mamãe! Muito obrigada! – Polvina ficou feliz e já se via arrumando as malas.

O Rei e a Rainha Polvo se sentiram melhor ao ver a alegria de Polvina e até se esqueceram dos acontecimentos desagradáveis daquele dia. Ela agradeceu novamente aos pais e, após o jantar, foi desenhar, ler um livro e dormir.

No quarto, o incômodo que ela sentia havia algumas semanas retornou. Ela teve dificuldade para pegar no sono e, deitada na cama, repassou o dia que estava terminando. Pensou no envelope misterioso e se perguntou se Mauriço teria mesmo sido o autor. Ele sempre inventava brincadeiras de mau gosto pra cima das meninas. Colocar seus ouriços sobre as cadeiras já o tinha levado à suspensão uma vez. Desde então, ele estava sendo menos óbvio, mas muito mais criativo. Já inventara de colar as cadeiras no teto, trocar as placas dos banheiros, levar uma barracuda para a sala, e por aí vai.

Polvina pegou no sono e dormiu. Um sono pesado que atravessou a noite, sem sonhos de que ela pudesse se lembrar. Até que...

BLAM, BLAM.

Ela acordou de sobressalto. Olhou na direção do som e levou o maior susto de sua vida. Havia alguém do lado de fora da janela.

Uma menina. Assustadora.

Polvina sentiu um arrepio em todo o seu corpo. Primeiro ela achou que ainda estivesse sonhando, fechou os olhos com força, abriu-os de novo, e a menina ainda estava lá, olhando fixamente para ela.

A menina vestia uma blusa velha com capuz sobre um vestido sujo e rasgado. Polvina ia abrir a boca para chamar seus pais, quando viu que sua estranha visitante tentava dizer algo:

– Polvina, abra! – disse a menina, esfregando os braços para mostrar que estava com frio.

– Quem... quem é você? Como sabe o meu nome? – questionou Polvina.

– Por favor, vai logo! Tá frio! – disse a menina, com a voz trêmula.

Insegura, Polvina abriu a janela e a menina entrou. Ela tinha olhos grandes e expressivos, que transmitiam certa tristeza. Tirou o capuz e revelou cabelos negros, presos por um rabo de cavalo.

– Brrr, que frio! Bom, primeira pergunta – disse a menina. – Você está bem?

– Se eu estou bem? Eu estou... bem, claro! – Polvina não havia entendido a pergunta. Por um momento, ela pensou que aquela menina era um fantasma, mas só teve certeza de que ela não era quando ouviu seu estômago roncar.

– Ótimo. Segunda pergunta: tem algo para comer aí? Estou com fome!

– Quem é você? Eu nunca te vi na escola... como sabe o meu nome? – Polvina perguntou, enquanto tirava uma barra de chocolate do seu criado-mudo, que foi prontamente devorada pela menina.

– Ora, Polvina, não seja modesta. Você é a Princesa dos Polvos, todo mundo sabe o seu nome – disse a menina, entre uma mordida e outra. – Não é como eu. Você tá vendo alguma coroa na minha cabeça? Estou vestindo alguma roupa chique como você? Eu não sou princesa. Sou uma plebeia.

– A gente não usa esse termo por aqui. É rude. – Polvina achou o comentário grosseiro.

– Háháhá – riu a menina. – Vamos ao que interessa. Meu nome é Maya. Eu vim lhe dar um recado.

– Recado? Que recado?

– Tome cuidado. Há espiões por todos os cantos.

– Espiões? Mas de quem? Onde? Por quê?

– Para alguém tão inteligente, você está muito mal informada, hein? Você não lê os jornais, não?

– Só a parte infantil... e a de quadrinhos.

Maya mudou o tom de voz e falou seriamente:

– Pois saiba que existe uma grande ameaça, maior do que a dos quadrinhos, se aproximando do nosso mundo. E ela não vem de Terra Firme, e sim de um dos reinos de Salácia!

Polvina estava cada vez mais confusa. A Princesa dos Polvos se lembrou do enigmático bilhete que havia encontrado e mostrou à misteriosa garota.

– Você tem algo a ver com isso?

Maya leu a balada e comentou:

– Foi você quem escreveu? É bonito. Um pouco dramático, mas...

– Você não sabe nada sobre essa "Princesa Esquecida"?

– E por que eu saberia? Eu já disse, sou uma plebeia. Ops... Vocês não usam esse termo, não é? Como devo dizer então? "Desprovida de atributos reais"?

Polvina ficou decepcionada.

– Eu não compreendo... Esse bilhete está com a minha letra, no papel especial da Família dos Polvos. Mas eu não me lembro de ter escrito nada!

– Eu, hein? Você por acaso é alguma espécie de maluca que faz as coisas e depois esquece, é?

– É claro que não! – Polvina já não tinha tanta certeza.

– Bom, preciso ir. Talvez eu volte qualquer hora. À noite. Tchau! Ah! Tem mais chocolate?

Polvina se virou para procurar mais no criado-mudo. Maya aproveitou que ela estava de costas, pegou o envelope com a mensagem misteriosa e guardou no bolso.

– Aqui tem mais uma barra, tome! – disse Polvina, entregando o chocolate.

– Obrigada!

– De nada...

De repente, alguém bateu à porta. Era o pai de Polvina.

– Filha? Está tudo bem? Eu ouvi um barulho!

– Hã... está sim, papai!

O Rei Polvo abriu a porta e encontrou a filha de pé, sozinha, perto da janela.

– O que foi?

– Nada não, pai. Eu só ia fechar a janela...

– Ah, bom. Boa noite, querida.

– Boa noite, pai.

Maya já estava do lado de fora. Antes de partir, ela disse:

– Que bom que você está bem, Polvina. Que bom.

As coisas estavam cada vez mais estranhas.

5. A espiã

As redes de pesca, conhecidas como arrasto, têm centenas, às vezes milhares, de metros de comprimento, e podem alcançar até o solo submarino. Puxadas por barcos, elas capturam todo tipo de animal que encontram no caminho: tubarões, baleias, golfinhos, tartarugas e até gaivotas e pinguins.

A TV estava mostrando aquela rede que havia acabado de ser jogada no mar. Muitos animais já estavam presos nela e tentavam desesperadamente se libertar.

Então, uma figura inusitada apareceu na tela:

– Até quando Terra Firme continuará nos atacando sem resposta? – disse Espinho para o repórter da TV. – Até quando nossos pobres animais vão morrer nas mãos desses caçadores inescrupulosos? – Espinho apontou para o lado e a câmera mostrou um pinguim preso na rede.

Com um punhal, Espinho cortou uma parte da rede e o pinguim se libertou, para, em seguida, lhe dar um abraço de agradecimento.

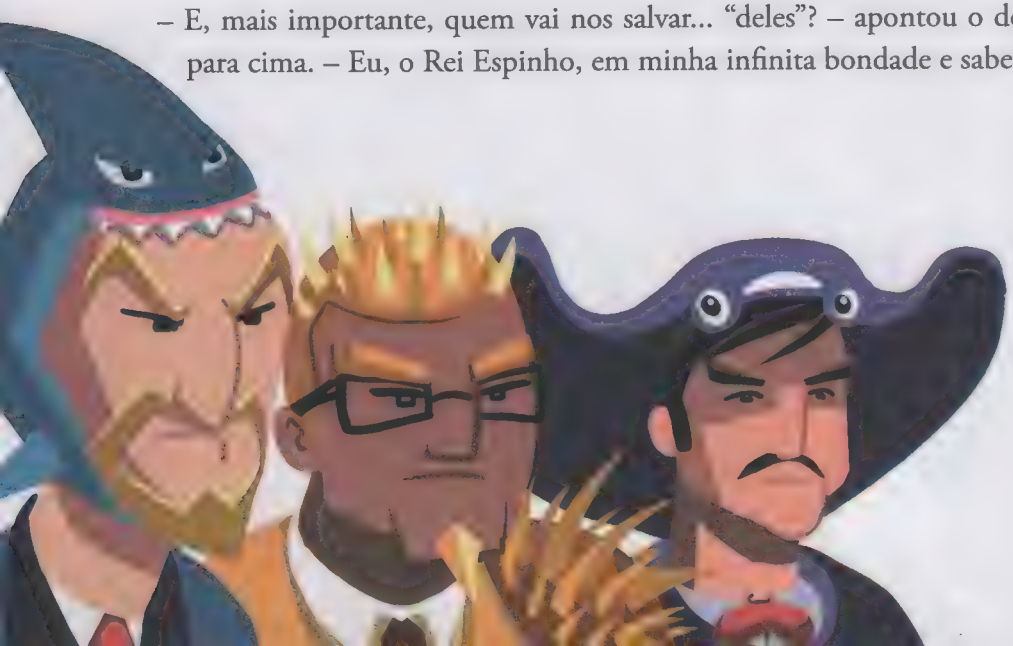
– Esse pequeno pinguim foi salvo...

Então, para horror dos telespectadores, a TV mostrou toda a extensão da rede, que cobria muitos quilômetros e tinha centenas de animais presos.

– ... mas quem vai salvar os outros? – perguntou Espinho.

De repente, como se fosse em um show, tambores foram ouvidos e, em seguida, tubarões, barracudas e marlins surgiram no horizonte. Sob as ordens de Espinho, eles nadaram até a rede e, com seus dentes afiados, conseguiram libertar todos os animais.

– E, mais importante, quem vai nos salvar... "deles"? – apontou o dedo para cima. – Eu, o Rei Espinho, em minha infinita bondade e sabedo-



ria, salvei esses pobres animais, que são muito bem-vindos em meu reino. Faça como eles! Venha para o meu reino e desfrute de proteção e comida!

Reunidos no Castelo dos Tubarões, os outros reis, incluindo os pais de Polvina, Estér e Tubarina, assistiam com preocupação àquelas imagens na TV.

– Ele está usando a mídia para assustar os animais – disse o Rei Polvo, indignado.

– Exato! É por isso que tantos têm se mudado para o reino dele – disse o Rei Tubarão. – É fácil ser manipulado quando se tem medo.

– Como alguém que subiu ao poder há tão pouco tempo pode causar tanto estrago? – questionou o Rei Estrela-do-Mar.

– Esse maluco vai acabar entregando a nossa localização à Terra Firme e trazendo desgraças muito maiores que as redes. Alguém precisa detê-lo! – concordou o Rei Ouriço.

A atenção dos reis se voltou para o Rei Tubarão, responsável pela defesa de todos os reinos.

– A situação é grave. Muitos dos meus tubarões, e soldados também, desertaram do meu reino em direção ao dele! Nossa defesa está enfraquecida, enquanto a dele só aumenta! Somando isso à minha suspeita de que há animais espiões infiltrados em nossos próprios reinos, temo que o conflito esteja mais próximo do que imaginávamos.

– Mas não podemos iniciar um conflito sem ter provas concretas – disse o Rei Polvo.

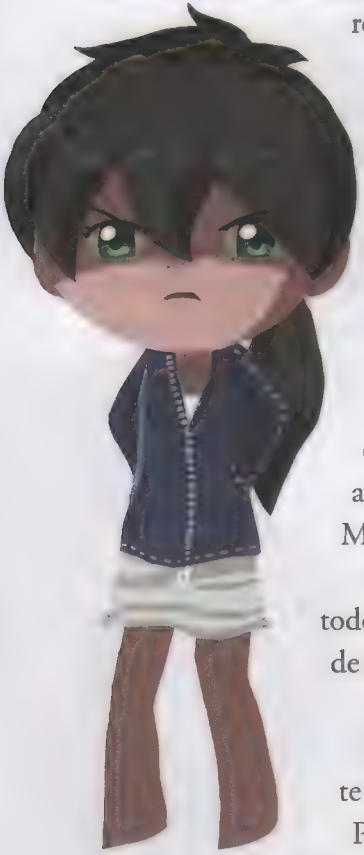
– Concordo – disse o Rei Tubarão –, mas Espinho é muito esperto, ele esconde bem suas falcatruas.

– Precisamos tomar uma providência, Rei Tubarão! – disse o Rei Arraia. – Se nós não fizermos alguma coisa, ele certamente fará!

Todos queriam uma solução rápida para aquele problema que ficava cada dia maior. Já havia algumas semanas que o Rei Espinho iniciara uma verdadeira revolução em seu reino. Sem dúvida, algumas mudanças haviam sido para melhor. Mas, ao permitir que animais de outros reinos vivessem em seus domínios, Espinho ameaçava o equilíbrio das espécies e, ao mesmo tempo, aumentava seu poder e popularidade entre eles.

Enquanto os reis discutiam, longe das câmeras e de volta à caverna secreta localizada abaixo do seu castelo, o Rei Espinho dava novas ordens histéricas aos seus asseclas, que haviam passado a manhã inteira espionando as princesas na Escola do Mar.

– Seus incompetentes! Será possível que mais ninguém descobriu nada? Nada de anormal, nenhuma princesa que faltou à escola, nenhuma que chorou, que machucou o pé em um coral, nada?



Os animais e salinos se entreolharam, com medo de se pronunciar, até que um ex-soldado do Rei Tubarão falou, com o medo transparecendo em sua voz:

– Nada, Majestade. Todas as princesas parecem perfeitamente normais e nenhuma aparenta estar escondendo segredos.

– Maldição! – praguejou Espinho.

Não era apenas Polvina que parecia não se lembrar das coisas. Espinho sabia que uma das princesas possuía a chave para a conquista de todo o Mundo de Salácia. Mas ele não conseguia se lembrar qual delas.

Foi então que alguém inesperado surgiu no meio de todos aqueles animais ferozes e rebeldes. Uma garota de rabo de cavalo usando um vestido sujo.

– Eu acho que descobri algo, Majestade – disse.

Ela se dirigiu ao trono de Espinho. Curvou-se lealmente e lhe entregou o papel com o brasão da Família dos Polvos que continha a balada da Princesa Esquecida.

– Aparentemente a Princesa dos Polvos a escreveu, mas ela também parece ter sido afetada pela mesma perda de memória que o senhor – disse a menina.

– Isso... isso é formidável! Bom trabalho, minha pequena. Diga-me, qual é o seu nome?

– É Maya, Majestade!

– Obrigado, Maya! Você provou seu valor e será muito bem recompensada na nova ordem que instalarei no Mundo de Salácia! Me diga, o que você deseja?

– Desejo apenas honrar a memória de meus pais, Majestade!

– Boa menina! Eles devem estar orgulhosos de você – disse Espinho.

Maya se curvou, deixando os outros asseclas com certa inveja.

Espinho analisou atentamente os quatro versos da balada.

– Eu estava certo! Existe mesmo uma Princesa Esquecida!

Aquilo poderia não fazer sentido algum para Polvina, mas ele entendeu quase tudo. "O mal se espalha no Reino Profundo" era uma clara alusão a ele próprio, que se sentiu injustiçado. Ele não se julgava um homem mau, apenas não media esforços para conseguir o que queria.

– Chegará um dia em que todos se lembrarão do rei que transformou o mais devastado dos reinos na Grande Capital do Mundo de Salácia. Esse mesmo rei promoverá a vingança pelos séculos de opressão impostos pelo povo de Terra Firme, e nos conduzirá a uma nova fronteira de glórias e conquistas! – disse, erguendo o punho cerrado.

Lendo o restante da balada, ele encontrou a pista de que precisava:

– "Na noite escura, a luz será protegida"... Tem certeza de que ela não se lembra de nada, Maya? – perguntou.

– Sim, Majestade. Ela estava tentando entender por que teria escrito o bilhete.

Ele pensou por alguns instantes e concluiu:

– Faz sentido. Então acho que já tenho uma boa ideia do que aconteceu. A Princesa dos Polvos certamente está ligada à Princesa Esquecida. Só falta descobrir como e por quê! Maya, devolva este bilhete ao lugar onde o encontrou. Não queremos levantar suspeitas. Continue de olho nela, e garanto que terá a vida que seus pais sempre sonharam para você.

– Tenho certeza disso, Majestade.

Maya pegou o envelope, e Espinho ordenou a vários animais que procurassem pelo que ele havia entendido daquele enigmático verso:

– Quero que revirem cada pedra, cada caverna e cada buraco deste reino até que encontrem o objeto sagrado! E fiquem de olho em Polvina e suas amigas. Aquele que me trouxer informações relevantes será recompensado com uma vida de riquezas!

As coisas ainda ficariam muito perigosas para Polvina, Estér e Tubarina. Sem imaginar o perigo que se aproximava, no dia seguinte, na escola, Polvina contou para as amigas que havia recebido a visita de Maya na noite anterior. A reação das duas foi bem diferente. Estér disse:

– Tomar cuidado? Como assim, Polvina? Essa Maya sabe de alguma coisa, não acha? Precisamos falar com ela!

Já Tubarina não estava nada empolgada:

– Polvina, você é louca? Como pode abrir a janela para alguém à noite? Ela poderia ser uma ladra, ou coisa pior!

Era verdade que no Mundo de Salácia havia poucos criminosos, graças ao pulso firme do Rei Tubarão. Mas eles ainda existiam, então Tubarina não deixava de ter razão.

– Você está certa, Tubarina... Mas ela não pareceu perigosa. Um pouco assustadora, eu diria. Mas perigosa, não.

– Assustadora? Como assim? – perguntou Estér.

– Sei lá... ela parecia meio... fantasma.

– Fantasma?! Uau, esse mistério tá ficando bom! – empolgou-se Estér.

– Mas ela não era. Era uma menina normal. Fantasmas não gostam de chocolate.

– E por que não? – perguntou Estér.

– Muito simples, Estér! Fantasmas não gostam de chocolate porque fantasmas não existem – disse Tubarina, querendo encerrar a discussão.

– Ah é, espertinha? E o peixe-fantasma? – questionou Estér, referindo-se a um peixe raro encontrado em águas profundas.

– Peixe-fantasma é só o nome. Não tem nada de fantasma nele.

– Tem sim!

– Não tem não.

– Tem sim!

Não tinha não, mas, para variar, as duas estavam batendo boca à toa. Polvina não estava com muita vontade de continuar com aquele papo, então resolveu mudar de assunto.

– Bom, meninas, tem outra coisa importante que nós temos que discutir. A nossa... viagem de férias!

– Viagem de férias?! – indagaram as duas.

– É, oras. Meu pai disse que nós estamos precisando, depois deste ano tão louco que a gente teve.

– Eu acho uma ótima ideia! – empolgou-se Estér. – A gente nunca viajou juntas, né?

– Podemos chamar as outras princesas também! Mas a pergunta é: pra onde vamos? Meu pai disse que a gente pode escolher – disse Polvina.

– Eu acho que uma visita à Grande Barreira de Corais seria uma boa – sugeriu Tubarina. – Eu sempre quis ir até lá.

– Ah, mas é muito longe! – retrucou Estér. – Eu não quero ficar um dia inteiro dentro do ônibus. Vamos para um lugar mais perto. Que tal o Santuário das Tartarugas? A Tata tem uma casa lá!

– Estér, na casa da Tata a gente pode ir quando quiser, né? É superperto! – Tubarina recomeçou a discussão.

– É, mas a gente nunca foi e agora eu quero ir!

As duas então voltaram a bater boca. De qualquer forma, Polvina achou melhor assim. O mistério da balada estava começando a deixá-la com medo.

6. A Vida de Maya

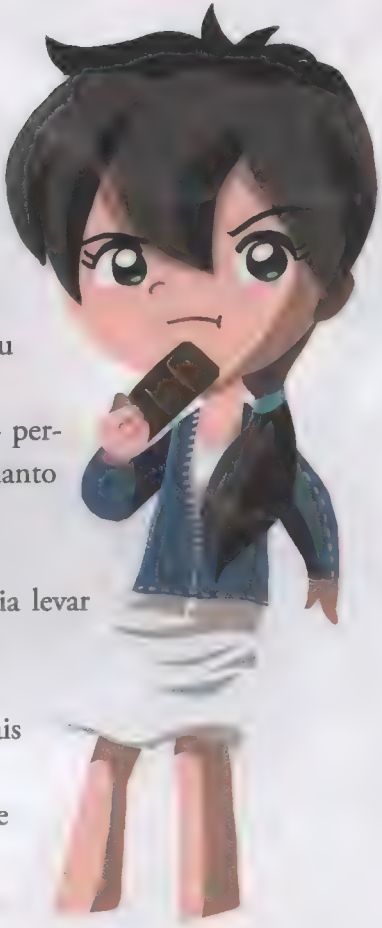
Polvina sempre gostou de livros de mistério e jogos de quebra-cabeça. Resolver enigmas era com ela mesma! Ela gostava de adivinhar quem era o vilão das histórias, qual era o final do filme, onde o tesouro estava escondido. Não era como Estér, que simplesmente queria adivinhar as coisas chutando. Se perguntassem para as duas "Adivinha o que eu tenho na mão?", Polvina tentaria raciocinar, observar o que estava faltando à sua volta, para então chegar a uma conclusão, enquanto Estér tentaria falar o máximo possível de palavras até chegar à resposta certa. A Tubarina? A Tubarina diria simplesmente "Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe!".

É por isso que Polvina estava tão intrigada. Aquele era o maior mistério que ela já tinha visto, mas ele simplesmente não tinha pista alguma a ser seguida. Falava sobre o mal se espalhando, luzes escondidas, uma Princesa Esquecida e até mesmo salvar o mundo! E o pior: aparentemente, ela o havia escrito.

Ficou pensando em todas aquelas peças até tarde da noite, fez anotações, consultou livros, mas não chegou à conclusão alguma. Finalmente, o sono veio e então ela resolveu dormir com a janela aberta, caso Maya resolvesse aparecer.

E fez bem. A misteriosa menina chegou horas depois. Ela encontrou a janela aberta, entrou e delicadamente colocou o envelope da balada na gaveta do criado-mudo. Então, cutucou o braço de Polvina e já fez um pedido:

– E aí, tem mais daquele chocolate de ontem?



Confusa, Polvina acendeu a luz do abajur e esfregou os olhos. Olhou o relógio e já eram 4h15 da manhã.

– Hã, oi, Maya! Tem sim, eu já deixei aqui – ela tirou outra barra da gaveta do criado-mudo. – Ah, olha o envelope aqui. Eu estava procurando...

– Obrigada! E aí, resolveu o mistério? – perguntou Maya, que fingia desinteresse enquanto mastigava.

– Ainda não... estou na estaca zero.

– Que coisa... acho que você não deveria levar isso a sério. Deve ser brincadeira de alguém.

Mas Polvina estava aflita por respostas.

– Maya, você pode me falar um pouco mais sobre você? Me diga, onde você mora?

Maya ficou com medo daquela pergunta e tentou desconversar:

– Onde eu moro? Certamente não é num lugar tão chique quanto este aqui! Nossa, minha casa inteira deve ser menor que o seu quarto! – disse Maya, que começou a circular pelo cômodo, olhando e tocando em tudo, reparando na fina decoração toda baseada em polvos. – Vocês, Princesas do Mar, sabem mesmo viver com estilo, hein? Isto aqui é pérola? – perguntou, segurando o puxador do armário e revelando uma enorme coleção de roupas vermelhas e cor-de-rosa. – E para que tanta roupa se você está sempre com o mesmo biquíni e saia, hein?

Polvina se sentiu um pouco culpada com a pontinha de inveja na voz de Maya. Ela parecia ser uma menina bem humilde.

– Uau, quantos livros! – comentou, ao ver a enorme coleção de Polvina, organizada por ela mesma em ordem alfabética. – Você já leu todos?

– Já, claro! Alguns mais de uma vez.

– Poxa... ei, olha só isto! A coleção completa das *Aventuras do Capitão Polvo*! Me empresta qualquer hora?

– Claro – disse Polvina.

Então, Maya viu uma famosa capa de revista em um mural de fotos:

– Uau, você e suas amigas na capa da revista *Escamas*? "Princesas salvam tubarão". Legal! Sua vida parece ser bem agitada!

– É. Bem mais do que eu gostaria, sabe? Bem que eu gostaria de me aventurar só nos livros. Está vendo esta aqui? – apontou para o rosto de Estér na capa da revista. – É por causa dela que eu sempre me meto em encrencas. Já a Tubarina é menos aventureira, e é ela quem sempre nos salva.

Naquele mesmo mural, Maya viu a foto dos pais de Polvina. Uma triste memória tomou conta da sua mente e por pouco não a levou às lágrimas. Ela respirou fundo e virou para o lado.

– E todas aquelas bonecas ali, em cima do armário? Você ainda brinca com bonecas, é? – perguntou em tom de deboche.

– Às vezes, ué!

– Ah, bom! Pensei que você fosse do tipo que só estudava.

Polvina começou a se sentir constrangida com tantas perguntas de Maya e tentou mudar o foco da conversa.

– Hã... Maya, por que ontem você disse para eu tomar cuidado? Tomar cuidado com o quê?

Maya novamente não quis dizer tudo o que sabia. Para ela, quanto menos Polvina soubesse de suas intenções, melhor.

– Eu preciso ir. Você é uma menina legal, fique longe de encrencas, hein?

Polvina viu que Maya tentava desconversar e insistiu:

– E a balada? Eu queria saber se tem alguma coisa nela que te lembre algo. Alguma pista? – perguntou, com o caderninho de anotações na mão.

A menina parou por um instante e se calou.

– Não. Não tem nada que me seja familiar. Bom, tá na minha hora! Boa sorte com a sua Princesa Esquecida.

– Pra onde você vai?

– Pra casa, ué!

– Por que você não... fica mais um pouco? – perguntou Polvina, preocupada. – Está frio lá fora. Você pode dormir aqui se quiser e...

– Ah, não se preocupe comigo! Eu não tô com sono! Mas você tem razão quanto ao frio... – disse, ao reparar na corrente de água gelada que entrava pela janela.

Polvina notou que Maya ainda usava aquela blusa velha com capuz. Olhou para o armário semiaberto, foi até lá e pegou a blusa mais grossa que encontrou, cor-de-rosa, com um polvo bordado e enfeites brancos nas mangas.

– Acho que esta serve em você. Toma, pode ficar!

– Jura? Uau, que chique! Eu nunca tive uma dessas – disse Maya, que tirou a blusa velha e já colocou a nova sobre o vestido. – Bom, eu não gosto muito de rosa, mas obrigada mesmo!

– De nada... – disse Polvina, desviando o olhar do vestidinho sujo e rasgado que Maya usava por baixo.

Maya foi até a janela e se deteve por alguns segundos.

– Sabe, você é legal, Polvina. Acho que, em outra vida, a gente teria sido grandes amigas. Tchau! – despediu-se e saiu nadando.

– Maya...

Polvina ficou pensando no que ela queria dizer com aquilo. Por um momento, as questões sobre o mistério se aquietaram em sua mente, e ela tentou acompanhar o caminho de Maya com seu pensamento. Onde ela estaria indo, o que estava realmente sentindo e o que tinha a esconder?

Enquanto isso, Maya nadava passando a língua atrás dos dentes para sentir o restinho do gosto do chocolate. Seus olhos tristes começaram a brilhar e a deixar lágrimas pelo caminho, que cintilaram como pequenas estrelas antes de se misturarem ao oceano.

Com a cabeça cheia de dúvidas, ela nadou por vários minutos até chegar à sua casa, que definitivamente não tinha nada tão chique quanto no castelo onde Polvina morava. Ela ficava em um desfiladeiro, nem sequer era uma casa de verdade, e sim um velho casco de navio de Terra Firme, naufragado havia muitos anos.

A porta era uma velha escotilha quebrada, mas, como ainda abria e fechava, impedia que parte do frio entrasse. Uma pequena luz iluminava o ambiente e revelava móveis velhos, ou pedaços deles, em sua maioria velharias de Terra Firme.

O único enfeite do local era um velho porta-retratos quebrado, no qual havia uma foto dos pais de Maya. Ela beijou a foto antes de se deitar em sua cama improvisada, uma concha forrada por um lençol fino. Adormeceu.

Aquela noite foi bem diferente. Pela primeira vez em muito tempo, Maya dormiu aquecida, graças à blusa que ganhara de Polvina – a mesma menina que ela havia traído.

7. Visita à Biblioteca

No dia seguinte, um sábado, Polvina deixou um pouco o mistério de lado para tomar café da manhã com seus pais no jardim do Castelo dos Polvos. A comida não era muito diferente da do dia-a-dia, era o mesmo tipo de pão, as mesmas torradas, a mesma geleia de algas. Mas se sentar naquele banquinho e naquela mesa com seus pais dava a tudo um gosto muito mais especial.

Porém havia algo de errado naquela manhã. O Rei e a Rainha Polvo não pareciam felizes, e ficou um silêncio na mesa.

– Eu conversei com a Estér e a Tubarina sobre aquele assunto e, para variar, elas brigaram – disse Polvina, tentando quebrar o silêncio.

– Ah, é? – disse o pai. – Elas sempre brigam, não é?

Ninguém disse mais nada. Sua mãe lhe serviu suco, ela bebeu o copo inteiro, e só então seu pai se pronunciou:

– Que assunto?

– A nossa viagem, pai!

– Ah, é. A viagem.

Polvina conhecia aquele silêncio entre os pais. Não era o silêncio que costumava doer, e que faziam quando tinham algum desentendimento. Aquele silêncio era diferente, não doía, mas preocupava, porque mostrava que o pensamento deles estava bem longe, em um lugar chamado "problemas".

– Está tudo bem, papai? Mamãe?

Os pais sabiam que Polvina era sensível, e resolveram contar o que estava acontecendo:

– Sim, está, filha. São apenas preocupações do trabalho... Essa semana foi muito difícil para nós e também para os outros reis.

– Mas por que, papai?

– A atitude do Rei Espinho, esse verdadeiro "Rei das Sombras", tem causado preocupação a todos. O Rei Tubarão acha que o conflito será inevitável. Mas nós vamos tentar resolver essa situação pacificamente e cortar o mal pela raiz antes que ele se espalhe.

Polvina ouviu aquelas palavras e ficou chocada.

– Calma, filha, não precisa se preocupar! – disse a Rainha Polvo, sem imaginar que tipo de lembrança aquela frase trazia à mente de Polvina.

– "O mal se espalha no Reino Profundo" – Polvina se lembrou da primeira parte da balada e se arrepiou. O restante do café da manhã foi marcado pelo

silêncio dos três, já que ela só conseguia pensar naquela frase.

Mais tarde, em seu quarto, ela chamou Estér e Tubarina para ajudarem-na a pensar. Estér chegou toda empolgada, já Tubarina ficou quieta o tempo todo: ela não queria ter que acordar cedo em um sábado.

– Estér... Tubarina... eu acho que finalmente tenho uma pista! Acho que a balada tem algo a ver com o Rei Espinho... Meu pai o chamou de "Rei das Sombras".

– Meu pai tem se queixado muito dele e disse que ele é um homem mau! – disse Estér.

– Faz sentido...

– E o que você vai fazer, Polvina? Dizer pros seus pais que eles têm que prender o Rei das Sombras porque você encontrou uma balada que você mesma escreveu, mas não se lembra?

– Não, Tubarina – respondeu Polvina, ofendida. – Não podemos acusá-lo de nada sem ter provas. Por isso chamei vocês aqui. Precisamos pensar juntas para procurar por novas pistas.

– E a tal da Maya? – perguntou Tubarina.

– Ela também parece não saber de nada. Pelo visto, ela nunca conheceu uma princesa, quanto mais uma esquecida!

Polvina pegou o papel com a balada e as três releram.

– Ai, que medo, Polvina! Agora tudo soa mais sinistro – disse Estér. – Depois você diz que eu sou dramática!

Estér olhava o mural de fotos na parede, o mesmo que Maya havia visto na noite anterior.

– Polvina, será que a Princesa Esquecida é mesmo alguém que a gente conhece? Porque, se fosse, teríamos uma foto dela, alguma coisa assim. Mas veja essa foto da turma, no nosso primeiro dia de aula: todas as nossas amigas estão aqui.

Polvina pegou a foto e chegou à mesma conclusão de Estér.

– Tem razão, Estér! Acho que estamos procurando no lugar errado. Talvez... a Princesa Esquecida seja alguém do passado!

– Ou do futuro! – disse Estér. Polvina e Tubarina olharam para ela com cara de reprovação. – Ai, gente, tô brincando!

– E se a gente fosse até a biblioteca? Lá tem registros de toda a história do Mundo de Salácia. Talvez encontremos alguma pista – sugeriu Polvina.

– Boa ideia! Biblioteca, aí vamos nós! – disse Estér, animada.

– Que empolgante ir à biblioteca num sábado – resmungou Tubarina.

A Grande Biblioteca de Salácia ficava num prédio enorme, ainda maior do que muitos castelos. Lá, era possível encontrar qualquer livro já escrito pelos salinos, bem como muitas obras de Terra Firme que se perderam em naufrágios. Ao chegarem lá, as meninas foram bem recepcionadas:

– Bom dia, princesas! Que surpresa vê-las por aqui! – disse o simpático bibliotecário, conhecido como senhor Lombada.

– Hã... igualmente, senhor Lombada! – cumprimentaram as meninas.

– Posso ajudá-las a encontrar algo? – perguntou ele.

– Na verdade, sim. Gostaríamos de checar os registros das famílias reais – respondeu Polvina.

– E posso saber por que Vossas Majestades precisam disso? Vocês devem entender que muitos desses documentos são antigos, portanto, frágeis e valiosos. Não estão disponíveis para consulta sem prévia autorização dos reis.

Tubarina não gostou do comentário do senhor Lombada.

– E o que você acha que a gente vai fazer com os registros? Somos muito cuidadosas! Se você não nos deixar vê-los, vou falar para o meu pai e...

– E ele certamente me dará razão, cara Princesa dos Tubarões. Ele é o responsável pela defesa do nosso mundo e deu ordens específicas para que os registros das famílias reais sejam guardados em segurança – o senhor Lombada não se deixou intimidar.

Polvina ficou desapontada. A visita havia sido perdida, já que ela não tinha a autorização dos pais. Porém, exposto em uma prateleira, um livro acabou chamando sua atenção. Era um enorme volume de capa dura.

– Gente, olha quem é a autora. – E apontou para a capa, onde constavam as inscrições: *Objetos famosos de Salácia – por professora Márcia.*

– Professora Márcia? Mas como? Este livro parece ser mais velho que o meu pai! – disse Tubarina.

– Nossa, a professora esconde bem a idade – comentou Estér. Um dia, ela e as amigas descobririam o motivo disso.

Sem demora, Polvina começou a folhear o livro, por pura curiosidade. Ele descrevia com detalhes diversos objetos antigos e considerados sagrados pelos salinos. Alguns tinham valor simbólico e estavam expostos em museus e castelos.

– Este aqui está no meu castelo! – disse Estér, apontando para uma estranha estrela-do-mar com uma espécie de olho, guardada dentro de uma redoma de vidro. – Origem: desconhecida. Uau! Achei que fosse uma velharia qualquer!

– E este está no meu – disse Tubarina, apontando para uma espécie de lanterna de cor esverdeada. – Não contem pra ninguém, mas meu pai usa como peso de papel.

Muitos outros objetos eram descritos com uma enorme riqueza de detalhes. Alguns se perderam com o tempo, ou pior: foram levados por exploradores de Terra Firme. Mas ainda havia outra categoria: de objetos conhecidos por seus poderes mágicos, guardados pessoalmente por selecionados membros das famílias reais.

Todos soavam como a mais pura fantasia: havia uma espécie de flauta, chamada ocarina, que diziam ser capaz de controlar o tempo. Um chapéu capaz de encolher pessoas... Mas, dentre tantos objetos fantásticos, um chamou a

atenção de Polvina: o Báculo do Esquecimento, que tinha uma página inteira dedicada a ele. Em voz baixa, ela leu o texto para as amigas:

No começo, tudo era água.

O planeta era coberto por nuvens negras. Tempestades terríveis e rochas vindas do espaço castigavam a superfície a todo momento. Durante milênios, isso era tudo o que se podia ver no jovem planeta Terra.

Nessas terríveis condições, onde nem o mais forte de todos os seres sobreviveria, surgiu a mais frágil de todas as criaturas. O primeiro ser vivo do mundo nasceu no mar, menor que um grão de sal, sem olhos, sem braços ou pernas, mas repleto de vida.

Ainda que ele tivesse encontrado a morte pouco tempo depois de seu nascimento, sua vontade de viver era tanta que ele conseguiu se reproduzir. Seus descendentes deram origem aos peixes, aos animais marinhos e, finalmente, aos salinos.

Filhos da Deusa Salácia, eles eram capazes de percorrer longas distâncias a nado, e de ir ainda mais longe em seus sonhos. Aquilo que não conheciam, descobriam; aquilo que ainda não existia, inventavam.

Nos milênios seguintes, enquanto a vida prosperava no fundo do mar, a superfície foi se acalmando e se tornando um lugar menos inóspito...

– Polvina, o que é "inóspito"? – Estér interrompeu a leitura.

– Desacolhedor – respondeu Polvina, sem tirar os olhos do livro.

– E o que é "desacolhedor"?

– Um lugar onde não se pode morar, tipo o seu quarto! – complementou Tubarina. – Vai, Polvina, continua!

– Tá. Então:

Um dia, um curioso salino ousou deixar o mar pela primeira vez e descobriu um mundo desconhecido chamado Terra Firme. Ao chegar naquele lugar seco e sem vida, a água parecia querer fugir do seu corpo, escorrendo desesperadamente para voltar ao mar. Movido pela curiosidade, o salino resolveu ficar, e ficou tanto tempo que se esqueceu de como respirar fora daquele ar seco. Ele construiu uma casa, que depois virou uma aldeia, uma vila, um mundo.

– Peraí! – Estér interrompeu novamente. – Quer dizer que a Terra Firme

é descendente de Salácia?

– E ainda assim eles nos atacam... – lamentou Tubarina. – Todos deveriam ler este livro!

– Calma que tem mais, meninas!

Polvina continuou:

Mas ele nunca se esqueceu das suas origens, e ensinou seus filhos a viver em equilíbrio com o mar. Pelos anos que sucederam sua morte, seus descendentes viveram em plena harmonia com os salinos, trocando cultura, conhecimento e riquezas. Foi uma época de ouro para os dois povos, mas, como tudo que começa, aquela época tinha um dia para terminar.

Esse dia chegou quando Terra Firme começou a explorar o mar de forma descontrolada. O equilíbrio foi quebrado à custa da vida de milhões de peixes e animais marinhos. Os salinos tentaram o diálogo, mas seus irmãos de Terra Firme estavam cegos por sua ambição. A amizade entre os dois povos logo se tornou ódio, e a guerra estava próxima.

Sem alternativa, a Deusa Salácia dividiu seu mundo em diversos reinos, e elegeu um rei e uma rainha para cada um. Mas isso não era tudo. Para manter os novos reinos protegidos, ela usou um artefato sagrado chamado Báculo do Esquecimento.

Então foi a vez de Polvina interromper.

– Gente... o que é um "báculo"? – perguntou.

– Ora, Polvina! Você não sabe? – disse Tubarina.

– Como assim, Polvina? Você não sabe o que é um "báculo"? – Estér estava inconformada.

– E desde quando eu tenho que saber tudo? O que é, então?

– Hã... nós não sabemos também.

Folheando o livro, as meninas encontraram a resposta: um báculo era uma espécie de cetro, usado por sacerdotes. Com a dúvida esclarecida, Polvina seguiu a leitura:

O Báculo do Esquecimento tinha um poder terrível: o de fazer com que pessoas fossem esquecidas. Quem quer que fosse vítima de seu poder, seria esquecido por

seus pais, amigos e filhos, como se nunca tivesse existido.

A deusa foi até o topo de uma enorme colina de corais. De lá, ela olhou para os reinos e se despediu com lágrimas que dizem terem se tornado as pérolas das conchas. Ela empunhou o báculo e então uma enorme luz foi vista em todo o planeta.

Nesse instante, todos os laços de amor e amizade entre os dois povos foram desfeitos. Todos em Terra Firme se esqueceram daquele povo mágico capaz de respirar debaixo d'água. Os salinos, por sua vez, não se esqueceram de nada do que houve. Nem do começo feliz nem do desfecho trágico.

Seu mundo estava novamente em segurança, mas ninguém ficou aliviado naquele dia, pois a Deusa não retornou da colina de corais. Para honrar seu sacrifício, os salinos juraram que nunca mais iriam revelar sua existência a Terra Firme, e assim criaram as cinco leis do lugar que agora se chamava o Mundo de Salácia.

Muitos anos depois, o Báculo do Esquecimento foi encontrado, sem vestígio da Deusa. Hoje, para que não caia em mãos erradas, ele jaz escondido em um reino desconhecido.

Polvina estava em choque.

– Então foi isso que aconteceu com a nossa memória! É por isso que não conseguimos nos lembrar da tal Princesa Esquecida! – disse a Estér e Tubarina. – Alguém usou o Báculo do Esquecimento para que todos se esquecessem dela!

Da entrada da biblioteca, o senhor Lombada observava atentamente Polvina e suas amigas. Foi então que um pequeno peixe-borboleta se aproximou e ele sussurrou: – Diga ao nosso rei que elas estão aqui. Vou ficar de olho!

8. A Discussão

De volta ao Castelo dos Polvos, Polvina finalmente tinha uma teoria do que poderia ter acontecido, e ela era bem mais cruel e tão fantástica quanto as hipóteses absurdas de Estér. Nem todas as peças se encaixavam, mas já era um bom avanço. Ela pegou seu caderninho de anotações e, enquanto falava, anotava suas conclusões:

– "O mal se espalha no Reino Profundo"... nós já sabemos do que se trata.

– Sim! É Espinho, o Rei das Sombras!

– Credo, que medo desse Reino Profundo. Taí um lugar que não quero conhecer! – disse Estér.

– O livro da professora Márcia diz que o Báculo emitiu uma luz ao ser usado. "Na noite escura, a luz será protegida" deve ser alguma referência à sua localização – concluiu Polvina.

– Mas Polvina, por que você teria escrito esse enigma? – perguntou Tubarina.

– Eu acho... que eu sabia onde o Báculo e a Princesa Esquecida estão escondidos. Talvez eu estivesse tentando protegê-los!

– Faz sentido, Polvina. Esse mistério tem mesmo a sua cara – disse Tubarina. – Vamos fazer assim: eu vou pedir pro meu pai a autorização para checarmos os registros amanhã. Assim, saberemos quem é a Princesa Esquecida!

As palavras de Tubarina não conseguiram reconfortar Polvina. Ela sentia que cada segundo naquela busca era importante. Só não imaginava quanto.

– Não se preocupe tanto, vai ficar tudo bem, Polvina – disse Estér. – Para você ficar mais tranquila, eu posso dormir aqui hoje, que tal?

– E eu também! – disse Tubarina.

Polvina sorriu e ficou feliz em poder contar com o apoio das amigas.

Enquanto isso, em seu covil, o Rei Espinho acabava de receber a informação do peixe-borboleta de que as princesas haviam ido à biblioteca.

– Essas princesas são espertas, mesmo. Os registros das famílias reais devem dizer quem é a Princesa Esquecida. Onde está aquela garota... Maya?

Do meio dos tubarões, Maya apareceu:

– Estou aqui, Majestade.

– Você já me provou seu valor. Agora, preciso que você faça um serviço para mim. Se eu for visto procurando as evidências da Princesa Esquecida, certamente levantarei suspeitas. Por isso, quero que vá até a biblioteca e roube todos os registros para mim.

– Mas Majestade... como vou fazer isso?

– Não se preocupe, vou ordenar que o senhor Lombada "esqueça" a porta aberta durante a noite. Você não terá dificuldades.

– Como quiser, Majestade...

Maya ficou em um dilema. Ela queria visitar Polvina naquela noite. Resolveu então que iria até o Castelo dos Polvos e depois até a biblioteca. Afinal, ela estava faminta.

No meio da noite, Maya apareceu na janela de Polvina e viu que ela estava acompanhada por suas amigas.

– Estér e Tubarina... O que elas estão fazendo aqui? – perguntou a menina, que usava a blusa cor-de-rosa dada por Polvina.

– Está tudo bem, Maya. Elas vão dormir aqui hoje – respondeu Polvina.

– Como você sabe nossos nomes, Maya? – perguntou Estér.

– Como você sabe o meu? – Maya respondeu.

– A Polvina falou de você pra gente...

– Idem! – Maya concluiu.

Tubarina fez uma cara desconfiada, que Maya logo percebeu. Por um instante, as duas trocaram olhares.

– Certo. Vem cá, tem algo para comer? Estou morrendo de fome, pra variar.

Polvina já estava esperando aquilo, por isso ela havia separado um prato do jantar. Enquanto servia Maya em uma mesinha cuidadosamente posta – com diversos talheres, um copo de refrigerante, um de suco e até sobremesa! –, ela falava:

– Maya, hoje de manhã nós fomos até a biblioteca atrás dos registros das famílias reais. Infelizmente, não tivemos acesso a eles, mas amanhã nós vamos lá de novo. Acredito que logo saberemos quem é a Princesa Esquecida.

Maya ficou surpresa com a revelação de Polvina.

– Que ótimo, boa sorte pra vocês. Que mais?

– Eu também acho que descobrimos algo que pode ser a solução para todo o mistério. Existe um objeto sagrado chamado Báculo do Esquecimento, que pode fazer pessoas serem esquecidas.

– Esquecidas? Como assim, Polvina? Que papo maluco é esse? – perguntou Maya.

– Há muitos anos, ele foi usado para esconder a nossa existência de Terra Firme. Em outras palavras, é como se ele fosse uma borracha que "apaga" uma pessoa, para que ninguém mais se lembre dela. Eu sei que parece maluquice, mas faz sentido. Isso explica os pedaços que faltam na minha memória.

– A Polvina acha que a tal Princesa Esquecida sabia demais – completou Estér –, por isso a coitada foi "apagada" por alguém do mal, provavelmente o Rei Espinho.

Maya ouviu aquelas palavras e se assustou, mas tentou disfarçar.

– Sei – disse, mastigando vorazmente para esconder seu nervosismo. – Certo, uma de suas amiguinhas esnobes sumiu. Mas isso ainda não...

– Ei, quem você está chamando de esnobe? – esbravejou Tubarina. – Ninguém aqui é esnobe não, tá?

– Ah, é! Sou eu que moro num castelo e ando pra lá e pra cá desfilando uma linda coroa real, né? – disse Maya, de boca cheia, apontando o garfo para a cabeça de Tubarina.

– Ei! – Agora as três ficaram ofendidas, especialmente Tubarina.

– Quem você pensa que é, garota? Você nem sequer conhece a gente e já chega julgando!

– E quem você pensa que é pra falar comigo nesse tom? – Maya esbravejou.

– Que tom?

– Esse tom! – Maya levantou a voz.

– Meninas, por favor, parem! – pediram Polvina e Estér. – Não há motivo para brigarem!

As duas então resolveram se acalmar. Tubarina cruzou os braços e virou a cara; Maya continuou comendo, fingindo indiferença.

Polvina pegou seu caderninho de anotações e fez um desenho do Báculo para Maya ver:

– Maya... o Báculo é mais ou menos assim. Você já o viu antes?

Maya olhou para aquele desenho e sentiu um arrepio na alma.

– Não. Nunca vi na minha vida. Mas, se querem um conselho, fiquem longe do Rei Espinho. Ouvi dizer que ele é muito perigoso!

– E você bem que podia colaborar também, né? – resmungou Tubarina. – Em vez de ficar aí só comendo que nem uma baleia esfomeada e ainda falando de boca cheia!

– Tubarina! – Polvina e Estér ficaram chocadas com a indelicadeza da amiga. Maya, no entanto, também não deixou barato. Ela bateu na mesa, largou os talheres e levantou, nervosa.

– Quer saber? Eu não preciso de nenhuma de vocês, muito menos da sua comida, Polvina! Se quiser resolver o mistério, se vira! Eu tô fora!

Maya saiu novamente pela janela, deixando aquele clima péssimo no quarto de Polvina.

– Ela que começou! – disse Tubarina, ainda emburrada.

Um milhão de coisas passava pela cabeça de Maya enquanto ela fugia do Castelo dos Polvos. As lágrimas escorriam do seu rosto raivosamente. Mas ela nunca voltaria atrás.

– O que eu estava pensando? – ela se questionou. – Que poderia ser igual a Polvina, Estér e Tubarina? Que eu poderia viver em paz? É claro que não posso!

Sem ligar para o frio que fazia, jogou fora a blusa dada por Polvina e foi direto até a Biblioteca de Salácia. "Tudo o que importa é a minha missão. Preciso fazer isso pelos meus pais", pensou.

Mesmo se o senhor Lombada não tivesse deixado a porta aberta, seria muito fácil invadir a biblioteca: não havia alarmes ou sistema de segurança algum. Dentro do seu enorme salão principal, Maya buscou nos arquivos e encontrou os registros das famílias reais.

Eles continham informações sobre todas as gerações de reis e rainhas de Salácia e, por meio deles, ela conheceu os pais e avós de Polvina, Estér e Tubarina.

Com os registros, não foi difícil descobrir quem era a Princesa Esquecida. Maya rapidamente encontrou a ficha, que tinha a foto de uma família feliz, o verdadeiro motivo para ela estar fazendo tudo aquilo. Olhou para o delicado rosto da princesa e por um instante lamentou estar naquela situação.

– Espero que me perdoem pela coisa terrível que vou fazer...

Ela deixou a culpa de lado, pegou os registros e guardou numa pasta. Depois, derrubou vários armários, espalhou papéis, pegou algum dinheiro que estava numa gaveta e rasgou documentos importantes. Em seguida, fugiu, levando consigo os registros das famílias reais.

No dia seguinte, Polvina, Estér e Tubarina tomavam café da manhã para depois ir à biblioteca quando foram surpreendidas por um rosto familiar dando uma entrevista para um repórter na TV:

– Tubarina, olha, é o seu pai! – exclamou Estér.

– Caros cidadãos, é com muito pesar que anuncio que nossa preciosa Biblioteca de Salácia foi assaltada durante a última noite. O trabalho foi

feito por profissionais. A porta não foi arrombada, e dinheiro e documentos importantes foram roubados.

O repórter perguntou:

– Mas que documentos importantes, Rei Tubarão?

– Os registros de todas as famílias reais! Mas podem ter certeza de que eles serão recuperados em menos de 24 horas! – disse, com vigor.

No Castelo dos Polvos, as princesas mal podiam acreditar no que ouviam:

– Assaltada? – Polvina estava chocada. – Logo hoje que nós iríamos até lá? É coincidência demais a biblioteca ser assaltada logo depois de termos descoberto sobre o Báculo. Quem entrou lá não queria roubar o dinheiro, e sim nos impedir de olhar os registros!

– Mas quem poderia saber que iríamos até lá? – perguntou Polvina, com medo da resposta.

– Maya – responderam Tubarina e Estér.

9. A Princesa Revelada

Em seu castelo, Espinho assistia às notícias na TV, satisfeito ao lado de Maya.

– Tem certeza de que não deixou pistas? – perguntou à menina.

– Sim, Majestade. Eu roubei algum dinheiro da biblioteca também. Assim, a polícia não vai ligar o crime ao senhor.

– Excelente, minha menina. Agora me passe os papéis.

Maya entregou a pasta a Espinho.

– Posso me retirar agora, Majestade?

– Claro, Maya. Chamarei se for necessário... – disse Espinho, olhando de lado para um grupo de tubarões.

Enquanto Maya saía, cercada pelos olhares invejosos dos asseclas de Espinho, ele pegou a pasta e espalhou as folhas sobre uma grande mesa. Olhou para todas as fichas, uma por uma, e viu somente rostos e famílias que ele conhecia.

– Isso só pode significar uma coisa... Maya? – ele gritou.

Ela já estava quase saindo e tremeu ao ouvir aquela voz grave. Virou-se para trás e viu que estava sendo encarada por três enormes tubarões:

– O que foi, Maya? Você parece... assustada – comentou Espinho, com certa ironia na voz.

– Não é nada, Majestade. Eu só estou um pouco cansada.

– Pois bem. Eu tenho mais uma missão para você... Ao ler os registros das famílias reais, percebi que está faltando uma família. Você tem certeza de que pegou todos os registros?

– Hã... creio que sim, Majestade – disse Maya, tentando disfarçar o nervosismo.

– Pois bem, era o que eu imaginava. Felizmente, a biblioteca não é a única forma de conferirmos os registros das famílias reais.

– Não? – perguntou Maya, preocupada.

– Não! Há outro lugar onde isso é possível... A casa da professora Márcia! Ela dá aula para todas as princesas. Os diários de classe dela certamente dirão se existe mesmo uma Princesa Esquecida!

Maya se arrepiou ao imaginar os planos do vilão.

– Quero que você vá até lá com esses tubarões... – disse, enquanto as feras cercavam Maya – e encontre os diários. Depois disso, faça o mesmo que fez com a biblioteca: tudo deve parecer um assalto comum.

– Mas Majestade, e o que eu faço se a professora Márcia aparecer?

– Você? Você não faz nada. Os tubarões farão o serviço deles, háháháháháhá!

Desta vez, Maya não conseguiu disfarçar sua expressão. Ao perceber o choque da menina, Espinho apenas sorriu para os três tubarões antes que eles avançassem para cima dela.

– NÃO! – ela gritou.

Enquanto isso, no Castelo dos Polvos, Polvina tentava antecipar os próximos passos do vilão.

– Nosso inimigo está tentando impedir que a gente descubra quem é a Princesa Esquecida. Por isso os registros foram roubados – disse, com a mão no queixo.

– Bem que eu desconfiava daquela Maya! – disse Tubarina. – Aposto que foi ela!

Polvina não conseguia tirar Maya da cabeça. Seus encontros haviam sido breves, mas ela sentiu uma afinidade muito grande com a menina e ficou chateada com o rumo que as coisas haviam tomado. Será que Maya era realmente uma espiã de Espinho?

– Calma, Tubarina! Ainda não temos certeza de nada! – disse Polvina. Apesar de suas palavras, no fundo ela achava que Tubarina tinha razão.

– Polvina, será que a biblioteca é o único lugar que possui os registros reais? – perguntou Estér.

– Não... os originais eram guardados lá, mas tem também os hospitais. Só que vai demorar muito até pesquisarmos em todos. Tem também a escola, mas já vimos que

não tinha ninguém faltando na nossa classe e...

Polvina teve um estalo:

– É isso!

– O que foi, o que foi? – perguntou Estér.

– Como pude ser tão burra? – As meninas nunca haviam visto Polvina tão frustrada. – É claro que não descobrimos quem é a Princesa Esquecida. Ela não era da nossa classe! Precisamos falar com a professora Márcia.

A conclusão de Polvina estava correta. A professora Márcia realmente teria como descobrir quem era a Princesa Esquecida se olhasse nos diários de classe dela. Infelizmente, Espinho chegou a essa conclusão mais rápido e, quando chegaram à casa da professora, já era tarde demais.

A porta da simpática casinha em formato de concha, onde vivia a professora, estava arrombada. Por toda a sala, havia papéis rasgados e móveis quebrados. As princesas temeram pelo pior.

– Professora! Professora Márcia! Onde está você?

Elas então ouviram uma voz abafada pela porta do banheiro:

– Meninas... o que vocês estão fazendo aqui? – perguntou a professora, que saiu de dentro do banheiro, onde estava escondida. – Vocês precisam se esconder, tem assaltantes aqui!

– Está tudo bem, professora! Parece que eles já foram embora! – disse Polvina, tranquilizando-a. – Você viu quem foi?

– Não! Foi tudo muito rápido. Tão logo eu percebi que estavam tentando entrar, eu me escondi no banheiro. Precisamos chamar a polícia – disse, enquanto procurava o telefone no meio daquela bagunça.

Tubarina se abaixou e pegou nos dedos lascas de um armário que havia sido arrombado. Dentro dele, papéis estavam rasgados grosseiramente, com cortes que ela conhecia muito bem.

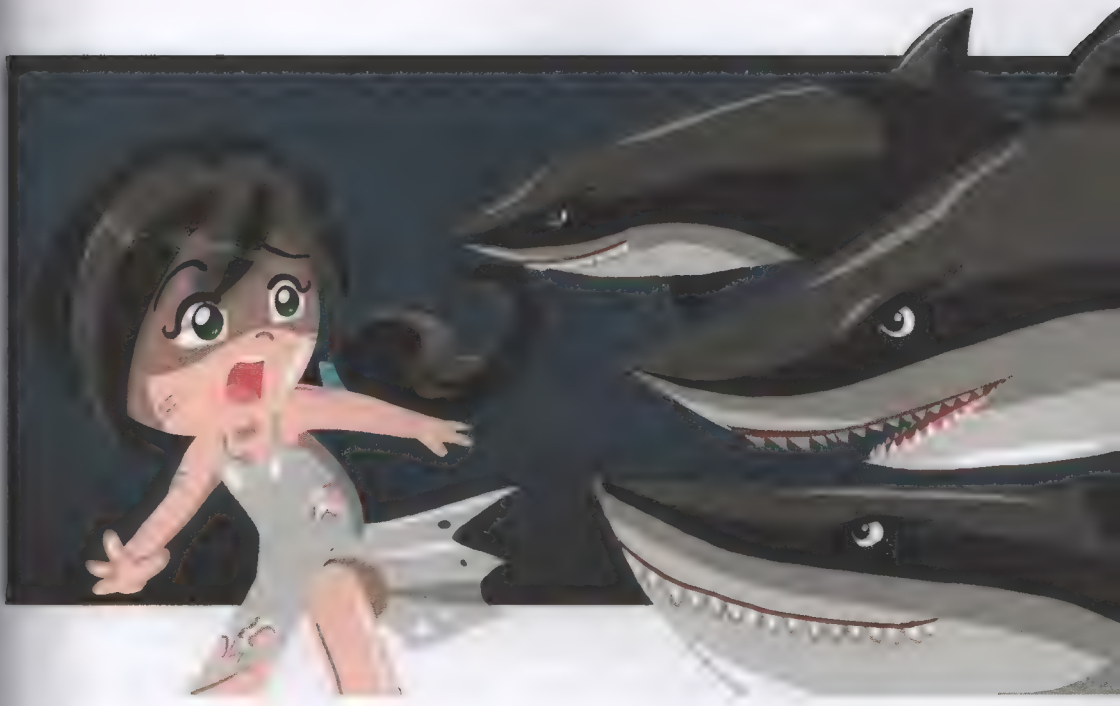
– Tubarões. Foram tubarões.

A professora foi até o armário e rapidamente percebeu o que estava faltando.

– Grande Salácia! Os diários de classe foram roubados! – exclamou a professora. – Meninas, o que está acontecendo aqui?!

Sem escolha, Polvina resolveu contar toda a história. Estér puxou uma das poucas cadeiras que ainda ficavam de pé.

– É melhor você se sentar, professora Márcia.



Então, Polvina contou tudo o que aconteceu. Desde que encontrou a balada até a briga entre Maya e Tubarina, e as suspeitas de que o Rei Espinho havia usado o Báculo para se livrar de uma das princesas. A professora ouviu tudo aquilo chocada.

– Mas por que vocês não me contaram nada? Isso é claramente um assunto de segurança de todo o reino! O Báculo do Esquecimento é algo muito sério!

– Mas, professora, quem iria acreditar em nós? Nem eu mesma sabia se acreditava... Como eu poderia acusar um rei de um crime que nem sabemos se ocorreu?

Polvina estava certa. Aquela história era realmente fantástica e surpreendera até mesmo a professora Márcia, que já tinha visto suas alunas aprontarem de tudo.

– Por isso a gente veio até aqui, professora Márcia. Para olhar os seus outros diários de classe e ver se existe alguma aluna faltando.

– Muito bem pensado, Polvina. Pena que alguém já pensou a mesma coisa. Talvez o próprio Espinho... Porém...

– Porém o quê? – perguntaram as três.

– Os diários não são a única forma de saber quem são os alunos. Geralmente, eu deixo os boletins e os diários na mesma pasta, mas não sei o que me deu semana passada que resolvi esconder os boletins em um lugar secreto. Venham.

Polvina achou curioso a professora Márcia ser uma pessoa de segredos. Ela as levou até a cozinha, onde, dentro de uma velha panela debaixo da pia, estavam todos os boletins dos alunos.

– Nossa, professora, tudo isso é precaução? – perguntou Tubarina.

– Engraçado, Tubarina. Eu não sei por que fiz isso. Acho que foi sorte... ou então é a idade chegando – riu a professora. – Bom, agora vamos olhar os boletins!

– Oba! – disse Estér. – Eu passei de ano?

Todas olharam para ela.

– Ai, gente, tô brincando!

– Muito bem, meninas, temos de trabalhar em equipe! Vamos procurar nos boletins se existe alguém de quem nós não nos lembramos. Quando encontrarmos o boletim, saberemos quem é a Princesa Esquecida.

Elas começaram a revirar os boletins freneticamente. Em todos eles haviam rostos conhecidos, até que...

– Polvina? – disse Estér.

– Oi! – ela se virou ansiosamente.

– A+? Como você conseguiu tirar A+? Eu nem sabia que essa nota existia!

– Ai, Estér, não temos tempo pra isso! Por favor, continue procurando.

Foi então que Tubarina interrompeu:

– Vocês não vão acreditar...

Ela virou o boletim que estava em suas mãos. Nele, constavam belas notas, geralmente A e B, e um rosto conhecido.

– MAYA?

– Ou melhor, Bia. Princesa Abissal. Período noturno – leu Tubarina.

Bia, a Princesa Abissal, era uma linda menina de olhos verdes e longos cabelos negros. Ela tinha a pele pálida por morar no Reino Abissal, onde a luz do sol não chega. Ainda que Polvina, Estér e Tubarina não se lembrassem, as quatro eram grandes amigas.

– Maya é a Princesa Esquecida... – disse Polvina. – A Princesa Abissal! É por isso que ela só aparecia lá em casa à noite! As pessoas do Reino Abissal não estão acostumadas à claridade.

Então, as meninas recordaram um terrível acidente no Reino Abissal, ocorrido há alguns meses. O Rei e a Rainha Abissal haviam desaparecido após a tragédia, e o ministro Espinho assumira o poder.

– Eles tinham uma filha – disse Tubarina, ainda em choque. – O Rei e a Rainha Abissal tinham uma herdeira, e o Rei Espinho fez com que todos se esquecessem dela!

– Mas por que a Maya não disse nada? Não teria sido mais fácil? – perguntou Estér.

Polvina pensou um pouco. Lembrou-se das suas anotações, mas não tinha certeza de nada naquele momento.

– E quem iria acreditar nela, Estér? A coitada só estava tentando me proteger, pedindo para que eu ficasse longe do Rei Espinho. Mas agora temos a evidência que precisávamos para provar que a Princesa Esquecida é a Princesa Abissal.

Tubarina se sentiu culpada pelo jeito que tratara Maya, ou melhor, Bia, e tentou compensar:

– Polvina, Estér! Vou avisar o meu pai de tudo o que está acontecendo. Vocês vão atrás de Maya!

– BIA! – disseram as duas.

– Que seja!

As meninas se preparavam para sair quando a professora Márcia se colocou na frente da porta, cruzou os braços e disse:

– Onde vocês pensam que vão?

10. Em Busca de Maya

– Professora Márcia, nós temos que achar a Bia! – disse Polvina. – Ela pode estar em perigo!

Os apelos não adiantaram.

– Polvina, não! Pelo que eu ouvi, o Rei Espinho é alguém extremamente perigoso e eu não vou permitir que vocês se envolvam nessa loucura! Deixem que os adultos resolvam o problema, meninas, pelo menos desta vez!

– Mas professora, não temos muito tempo! Os seus diários de classe foram roubados! A esta altura, Espinho já deve saber quem é a Princesa Esquecida. Até a Tubarina voltar com o pai dela poderá ser tarde demais! – disse Polvina, que estava com um pressentimento muito ruim.

A professora Márcia ficou em dúvida, mas se lembrou de todos os apuros em que as suas alunas haviam se metido naquele ano e não cedeu.

– Não! Ninguém vai a lugar algum!

Tubarina era a única que parecia entender a preocupação da professora.

– Professora, você tem razão, é perigoso! Polvina e Estér, vocês são duas irresponsáveis. Eu é que não vou mais me arriscar para salvar vocês duas!

– Tubarina! – exclamaram as amigas, indignadas.

– Professora, fique de olho nessas duas enquanto eu vou avisar o meu pai do que está acontecendo. Se eu pegar carona com um tubarão, chegarei no meu castelo rapidinho.

– Tudo bem, Tubarina. Você pode ir. Diga para seu pai se apressar! – E ela liberou a passagem.

Prontamente, Tubarina assobiou e logo um tubarão chamado Dentinho apareceu. Ela montou nele, disse algumas palavras em tubaranês e rumou rapidamente para o Norte.

– Tubarina! O seu castelo fica pro outro...

– Me desculpe, professora Márcia! Mas a Maya, digo, Bia, pode estar em apuros por minha causa! – E partiu em busca da Princesa Esquecida.

– Essa Tubarina vai ver só! Vai ficar de castigo as férias inteiras! – disse a professora, brava mas com uma pontinha de orgulho.

– Vai Tubarina, vai! – gritaram Polvina e Estér.

– Meninas, agora vamos nos apressar, temos um trabalho a fazer. Vamos avisar o Rei Tubarão.

As três partiram imediatamente para o Castelo dos Tubarões.

Rapidamente, Tubarina seguiu com Dentinho na direção do Castelo dos Polvos. Ela queria que ele usasse seus sentidos aguçados para encontrar algum rastro de Maya. Mas, no meio do caminho, viu algo que fez seu coração bater mais rápido.

– A blusa que a Polvina deu pra ela... – constatou, ao encontrá-la pendurada num coral. – Dentinho, você consegue sentir algum cheiro aqui?

– Consigo, Tubarina! – respondeu. – É uma menina, esteve aqui há algumas horas e foi... naquela direção! – apontou.

– Então é pra lá que nós vamos!

Eles partiram em disparada, seguindo o olfato de Dentinho. O rastro levava diretamente ao perigoso Reino Abissal.

Enquanto isso, Polvina, Estér e a professora Márcia chegavam ao Castelo dos Tubarões, para contar o que havia acontecido ao Rei Tubarão. Ao chegar lá, elas encontraram algo inesperado: o rei, que sempre fora conhecido como um grande guerreiro, estava parado em frente ao seu castelo, desolado. No pátio, havia apenas uns poucos soldados montados em tubarões em vez de seu, outrora, imponente exército.

– Aqueles desertores! Vão pagar caro por terem me abandonado! – esbravejava.

A professora Márcia foi falar com ele.

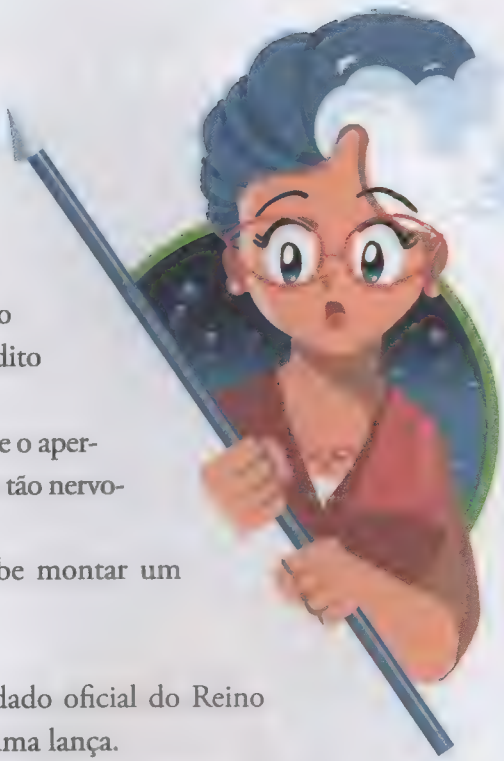
– Rei Tubarão... o que está acontecendo? Esses...

– A maior parte do meu exército desertou para o Reino Abissal, caindo nas falsas promessas de Espinho. Estes são os soldados que me restam, professora Márcia.

– Então eu acho que você vai precisar de todos eles, Rei Tubarão...

A professora Márcia contou o que as meninas haviam descoberto, e o Rei Tubarão não

ficou nada feliz, ainda mais quando soube que Tubarina havia ido atrás da Princesa Esquecida.



– Existe uma Princesa Abissal e todos se esqueceram dela?! Mas como Espinho pode ter usado o Báculo? Eu sabia que esse maldito traria desgraça a nosso povo!

O Rei Tubarão cerrou o punho e o apertou contra a própria testa. Ele ficou tão nervoso que assustou Polvina e Estér.

– Professora Márcia, você sabe montar um tubarão?

– Hã... é claro!

– Então considere-se um soldado oficial do Reino dos Tubarões! – E entregou-lhe uma lança.

– O quê? Mas Rei Tubarão, com todo o respeito...

– Com todo o respeito, professora Márcia! Com o meu efetivo em baixa, vou precisar de toda a ajuda possível. Você pode montar o senhor Geraldo. – Ele chamou um enorme tubarão branco. – Ele é manso. E nós dois bem sabemos que a senhora não é tão indefesa quanto parece, não é?

Polvina e Estér se perguntaram o que ele queria dizer com aquilo. A professora Márcia disfarçou um sorrisinho tímido, empunhou a lança e disse:

– Pode contar comigo, Majestade!

O Rei Tubarão virou-se para as meninas e fez um agradecimento:

– Polvina, Estér, vocês já fizeram o bastante por hoje e estou muito orgulhoso de vocês.

Estér estufou o peito e sorriu:

– Não tem por que, Majestade! Foi uma honra ajudar e...

O Rei Tubarão já esperava aquelas palavras de Estér e falou com um tom muito mais sério, quase rude:

– Agora, fiquem aqui! Não se atrevam a nos seguir ou nem mesmo seus pais vão me impedir de castigá-las, ouviram?

As meninas engoliram a seco a ameaça do rei, que logo em seguida partiu rapidamente em direção ao perigoso Reino Abissal, junto com a professora Márcia e seus poucos soldados restantes.

Ao pressentir a batalha se aproximando, Polvina respirou fundo e torceu para que tudo aquilo terminasse bem.

– Você acha que eles vão voltar bem, Estér?

Sem resposta, ela olhou para os lados e viu que estava sozinha.

– ESTÉR?

E a Princesa das Estrelas-do-Mar gritava lá longe, montada em um feroz tubarão-branco:

– Se vocês acham que eu vou ficar de fora dessa aventura, estão muito enganados!

11. O Plano de Espinho

No Castelo Abissal, Maya estava amarrada e cercada por perigosas barracudas. Espinho aproximou-se e a puxou para perto de si, sem a menor delicadeza:

– Ora... se não é a famosa Princesa Abissal... – disse ironicamente.

Maya tentou se fazer de desentendida:

– Majestade, por que está falando isso? Eu sou apenas uma humilde...

O tom de voz de Espinho mudou. Sua voz fez a água vibrar quando disse quase berrando:

– Menina insolente! Respeite a minha inteligência!

A voz de Espinho fez o sangue de Maya gelar e um arrepio percorrer todo o seu corpo. Ela cerrou os olhos e enrijeceu os braços para disfarçar que começava a tremer de medo.

– Eu já estava desconfiado de você. Por isso, a enviei para a biblioteca. Quando você me trouxe todos os registros, com exceção do da família

Abissal, eu tive certeza de sua verdadeira identidade. Deixe-me ver se eu adivinho: depois que seus pais, o Rei e a Rainha Abissal, sofreram o "acidente", você fugiu e usou o Báculo do Esquecimento para que eu me esquecesse de você, não é? Desde então, tem operado debaixo do meu nariz para levantar provas contra mim, não é isso?

Resignada, a Princesa Esquecida resolveu falar:

– Você vai pagar pelo que fez a meus pais!

– E como, posso saber? O que você vai fazer, agora que ninguém nem mesmo se lembra de que existe uma Princesa Abissal? Na sua tentativa de se esconder, você apenas me mostrou o verdadeiro poder que o Reino Abissal ocultava...

Antes que Espinho terminasse a frase, ele foi interrompido pelo som das vidraças sendo quebradas pelo Rei Tubarão, seguido pelos seus fiéis soldados e a professora Márcia.

– Largue a menina, Espinho! Coloque as mãos para o alto e renda-se! Você está preso por conspiração contra o Mundo de Salácia – disse o Rei Tubarão.

– E por ter mandado atacar a minha casa! – bradou a professora Márcia.

Espinho riu.

– E que provas vocês têm contra mim? E mesmo que tivessem... Quem disse que sairão daqui vivos?

– Você não sabe o que está fazendo, Espinho! – alertou o Rei Tubarão. – Renda-se sem luta e sua pena na cadeia será um pouco mais amena.

– Me render sem luta, Rei Tubarão? O que quer dizer? Fazer como a sua filha fez?

Então, as barracudas trouxeram Tubarina amarrada. Ela olhou para o pai, arrependida:

– Papai... é mentira. Eu não me rendi sem lutar...

– TUBARINA! – seu pai se desesperou. – Não toque na minha filha, maldito!

– Ora, Rei Tubarão... eu não faria nada para machucá-la... enquanto ela me for útil! Abaixem suas armas, imediatamente... ou a pirralha já era!

As barracudas aproximaram seus dentes da indefesa Tubarina. Sem opção, o Rei Tubarão, seus soldados e a professora Márcia abaixaram as armas.

– Hehehe... é assim mesmo que eu gosto.

– Pare com isso! – disse Maya.

– Perdão? Mas desde quando você está em condições de exigir alguma coisa, menina insolente? – debochou Espinho.

– Eu tenho algo que lhe interessa. Prometa que vai deixá-los ir... e o Báculo do Esquecimento será seu.

Espinho sorriu, satisfeito.

– Você tem dez segundos para falar antes que eu acabe com todos vocês.

Mesmo sabendo que não podia confiar em Espinho, Maya decidiu cumprir sua parte no acordo. Com as mãos amarradas, ela foi escoltada pelo vilão e mais alguns soldados até uma câmara secreta dentro do castelo, que somente ela, como Princesa Abissal, conhecia. Lá dentro, havia um cofre feito de rochas.

– Esse tempo todo ele esteve escondido debaixo do meu nariz – constatou Espinho. – Finalmente vou ter meu desejo realizado! Vamos, menina! Abra. E não tente nenhuma gracinha. Se nós dois não voltarmos ao salão em dois minutos, minhas barracudas vão exterminar seus amigos.

Sem alternativa, Maya abriu o cofre. Espinho a empurrou para o lado e olhou seu conteúdo.

– ESSE é o Báculo? – disse, desconfiado, ao ver que o famoso Báculo do Esquecimento era um simples cetro preto com uma lanterna pendurada em sua ponta. Ainda que ele não se lembrasse, Maya o carregava o tempo todo quando ainda era a Princesa Abissal.

– Exato – disse Maya. – Eu levava a sério a minha missão de guardiã.

– Veremos se você está falando a verdade, menina... Vamos até o salão ver se ele realmente pode fazer as pessoas ficarem esquecidas. Vamos começar... pela sua querida professora!

– Mas você disse que...

– Que espécie de vilão eu seria se falasse a verdade? Háháháhá! – riu malignamente.

Eles retornaram ao salão e, ao ver o horror nas expressões do Rei Tubarão e da professora Márcia, Espinho concluiu que ele possuía mesmo o Báculo do Esquecimento em suas mãos.

– Agora... vamos ver se essa belezinha realmente funciona. Báculo do Esquecimento, eu ordeno que...

Felizmente, seus planos foram frustrados em pouco mais de um segundo. Polvina e Estér apareceram montadas em um tubarão branco, entraram velozes como um míssil pela janela quebrada e derrubaram o perverso vilão. Ágil, Estér conseguiu tomar o Báculo para si.

– Não! O Báculo! – disse Espinho, caído no chão.

– O Báculo é nosso! – comemorava Estér, segurando o artefato sagrado. Mas sua alegria durou pouco, pois logo elas estavam cercadas por barracudas, tubarões e peixes abissais.

– E agora, Estér? – perguntou Polvina, ao ver todos aqueles oponentes.

– Agora a gente liberta os outros e derrota o vilão – disse, sorridente.

Mas as chances de vitória eram inexistentes: o Rei Tubarão, seus soldados, a professora Márcia e Tubarina estavam rendidos. Não haveria salvação-surpresa daquela vez.

– Precisamos fugir, Estér! Buscar ajuda e então voltar pelos outros!

– Não há escapatória, Princesas do Mar! Todos vocês sabem demais. Eu não deixarei que ninguém saia daqui para me incriminar! – disse Espinho. – Além do mais... eu tenho uma novidade para você, Princesa dos Polvos!

De repente, uma das portas do salão começou a tremer violentamente até ser arrebentada pela imensa força dos tentáculos de um polvo gigante. Com três de seus oito braços, ele segurou o tubarão-branco, Estér e Polvina como se fossem brinquedos. Com outro, ele pegou o Báculo das mãos de Estér e entregou-o a Espinho.

– Obrigado, meu vassalo. Surpresa, Princesa dos Polvos? Pois saiba que meus tentáculos são muito mais extensos que os desse polvo, e estão infiltrados em todos os reinos de Salácia.

O vilão se aproximou de Polvina e agarrou seu queixo:

– Você será a última a sofrer. Terei misericórdia, porque, graças a você e a sua "Balada da Princesa Esquecida", eu pude encontrar a Bia e o Báculo.

– Não... não pode ser! As coisas não podem terminar assim! – disse Polvina, inconformada.

– Não só podem como vão! Polvo, livre-se dessas duas.

O polvo apertou Polvina, Estér e o tubarão-branco com força. Mas o que

mais doía em Polvina não eram os seus braços nem suas costelas sendo apertados. Ela era a mais doce das princesas, e muitos a julgavam incapaz de qualquer agressividade. Com a voz seca, ela olhou nos olhos do polvo gigante e repreendeu:

– Você deveria se envergonhar!

Ao ver a decepção nos olhos de sua princesa, o polvo sequer tentou justificar seus erros. Ele largou Polvina e os outros e fugiu pela janela, arrependido.

Mas o alívio foi apenas momentâneo. As meninas logo foram cercadas por peixes e soldados, com lanças afiadas apontadas para seus rostos. Desta vez, não havia escapatória.

– Menina idiota! – o Rei das Sombras pegou o Báculo, e a sensação de derrota tomou conta de todos. – Eu ia poupar você do sofrimento de ser esquecida por todos que ama. Agora, você não terá mais esse privilégio! Todos vocês serão esquecidos, como se jamais tivessem existido!

Espinho ergueu o Báculo e ele começou a brilhar. Todos ficaram chocados. Maya foi a única que sorriu.

12. A VITÓRIA DE ESPINHO

Espinho havia vencido. Pela primeira vez, todos os presentes viram um sorriso sincero brotar em seus lábios, que misturava alegria e sadismo. Ele empunhou o Báculo e proclamou:

– Báculo do Esquecimento, eu ordeno que todos se esqueçam dos reis, rainhas, príncipes e princesas, para que eu seja o único e soberano Rei de Salácia!

Todos olharam para ele, apavorados. Então, o Báculo emitiu um brilho intenso que percorreu todo o Reino Abissal. Por um breve instante foi possível ver as verdadeiras cores do reino, que desde sempre viveram escondidas da luz do sol.

Quando o brilho cessou, Espinho sorriu vitorioso. Ele olhou para todos à sua volta e não reconheceu ninguém. A lenda do Báculo era mesmo verdadeira: quem quer que estivesse na sua frente, rei, rainha ou princesa, havia sido esquecido.

Aquelas pessoas desconhecidas pareciam confusas. Se estranhavam e pronunciavam palavras incompreensíveis. Uma menina com um polvo na

cabeça olhava com estranheza para outra que parecia vestir uma fantasia de tubarão.

Diante de si, os animais se curvaram, reconhecendo-o como o único Rei de Salácia. Até mesmo a própria Deusa em pessoa apareceu para cumprimentá-lo.

Espinho nunca havia visto uma imagem tão bela. Envolta em luz, Salácia estendeu a mão a ele e tomou o Báculo para si.

– Isso não é um brinquedo! – disse a Deusa.

Espinho não entendeu o que aconteceu. A luz que envolvia Salácia brilhou mais forte, e ele novamente se viu rindo no meio do salão do Castelo Abissal, como se tivesse voltado no tempo:

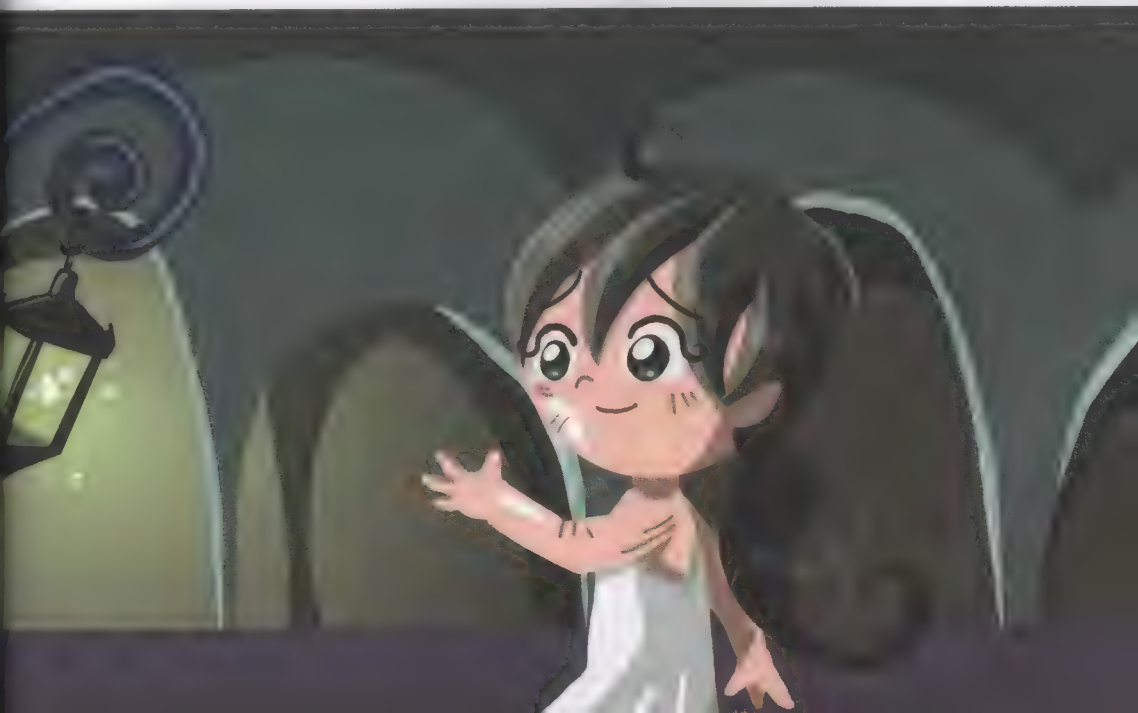
– Báculo do Esquecimento, eu ordeno que todos se esqueçam dos reis, rainhas, príncipes e princesas, para que eu seja o único e soberano Rei de Salácia!

O sonho de Espinho havia se tornado sua prisão. Pelo resto de sua vida, ele estava condenado a reviver aquela cena em sua mente, enquanto seu corpo tremia nervosamente no chão do Castelo Abissal.

– Rei de Salácia... eu sou o Rei de Salácia... – balbuciava.

Maya foi libertada das cordas pelo Rei Tubarão. A professora Márcia tomou o Báculo das mãos trêmulas de Espinho e o devolveu à sua dona.

– Acredito que isso seja seu, Majestade.



– Obrigada, professora!

Maya apanhou o Báculo e precisou se apoiar nele para ficar em pé. Ela estava exausta, mas respirou aliviada. Tudo aquilo havia acabado, embora houvesse ainda muito a ser explicado. A primeira a fazer perguntas foi Estér:

– Gente... o que aconteceu com ele?

Maya explicou:

– Primeiro, vamos às apresentações – ela ergueu o Báculo sobre a sua cabeça e ordenou: – Báculo do Esquecimento, que todos se lembrem de quem eu sou!

E então o Báculo do Esquecimento brilhou novamente e, assim que fecharam os olhos, todos se lembraram de Bia, a doce Princesa Abissal. Polvina, Estér e Tubarina se recordaram do dia em que a conheceram: elas haviam ido até o Reino Abissal procurar pela carta de uma menina de Terra Firme chamada Vento. Bia não só as ajudou como salvou suas vidas. Desde então elas se tornaram ótimas amigas e sempre se encontravam à noite.

– BIA! Nós... nos lembramos de você!

Todas receberam a amiga em um forte e emocionado abraço.

– Mas eu não estou entendendo mais nada! Por favor, Bia, explique-se!

– Estér, Espinho era o antigo ministro do Reino Abissal e homem de confiança de meus pais. Um dia, meus pais descobriram que ele estava planejando derrubá-los para assumir o poder... mas infelizmente foi tarde demais. Espinho forjou o desaparecimento dos dois e se tornou o novo Rei Abissal.

Com a memória recuperada, Polvina finalmente se lembrou do plano que ela própria havia ajudado a criar.

– Mas não havia provas contra ele – continuou Polvina –; nem mesmo os outros reis conseguiam incrimi-

ná-lo. Como herdeira do trono, Bia estava correndo perigo, então ela veio me procurar, desesperada.

Bia continuou:

– Eu precisava de um plano para me esconder enquanto procurava as provas contra ele. Mas a única forma de fazer isso com segurança era... desaparecendo. Por isso, usei o Báculo do Esquecimento para que todos se esquecessem de mim.

– Como eu também a esqueceria – prosseguiu Polvina –, eu escrevi a "Balada da Princesa Esquecida", que me daria as pistas necessárias para encontrar Bia caso algo desse errado!

– E, para conquistar a confiança de Espinho, eu entreguei a balada a ele. Na sua busca pela Princesa Esquecida, pude descobrir não só os seus crimes, mas também todos os seus cúmplices.

Polvina e Bia bateram as mãos no ar. O Rei Tubarão mal acreditava naquelas palavras.

– Foi um plano arriscado, Polvina e Bia... mas genial, devo reconhecer. Graças a ele, não apenas Espinho foi detido como agora também sabemos quem são todos os conspiradores de nosso mundo.

– A gente teve ajuda, Rei Tubarão... – Polvina piscou para a professora Márcia.

– Até nisso a senhora está envolvida, professora Márcia? – perguntou o rei, surpreso.

– Agora eu finalmente me lembro, Majestade! Polvina e Bia foram até a minha casa e me contaram o plano. Eu também achei arriscado, mas, sabendo de tudo que tinha acontecido, achei melhor que Bia desaparecesse mesmo. Para que eu não me esquecesse dela, guardei os boletins num local separado na minha casa. Quando nós os encontramos, sabíamos exatamente o que fazer.

– Mas o que houve com ele? Professora, me explica pelo amor de Salácia! – Estér estava aflita com a imagem de Espinho tendo espasmos no chão.

– O que Espinho não sabia, Estér, é que somente a guardiã do Báculo pode usar seu poder. Ao tentar utilizá-lo, ele teve a sua mente destruída.

– Ele teve o que merecia – disse Bia, com frieza.

O Rei Tubarão ordenou que Espinho fosse levado.

– Soldados, prendam esse lunático! Todos aqui serão testemunhas dos seus crimes contra o Mundo de Salácia!

O rei foi prontamente obedecido. Quanto ao exército de Espinho, ele foi rapidamente disperso depois que todos o viram caído no chão.

– Covardes! Não pensem que eu vou me esquecer de seus rostos! – gritou o Rei Tubarão. – Mas por ora... – ele virou-se para Bia, que passava as mãos no próprio vestido surrado.

– Nossa, que roupa mais suja! Preciso de um banho, urgente!

O Rei Tubarão humildemente abaixou a cabeça e curvou-se diante de Bia, gesto que foi imitado pela professora Márcia, pelas princesas e soldados.

– Bem-vinda de volta, Majestade.

13. Uma nova balada

A primeira coisa que Bia fez após seu retorno foi tomar um bom banho. Como quem chega de uma longa viagem, se sentiu feliz e aliviada em usar o próprio chuveiro depois de tanto tempo.

Após o banho, se olhou no espelho e ficou feliz por reconhecer seus belos olhos verdes. Por ser ela mesma novamente, e não Maya – nome que significa "ilusão" em um antigo idioma de Terra Firme. Tocou seu rosto, seu corpo, e viu que estava repleta de arranhões e machucados. Seu pescoço doía por ter dormido tanto tempo em uma simples concha. Talvez ela estivesse resfriada. Mas estava de volta.

Recolocou a coroa que indicava quem ela era. Mas logo percebeu que precisaria de outra ao se dar conta do mundo de responsabilidades que a aguardava do lado de fora do banheiro – e em todo o Reino Abissal.

Estava de volta, mas não estava feliz. Não tinha como estar. Ela voltou a chorar ao se lembrar dos seus bondosos pais, que tanto haviam feito por ela e pelo reino que amavam. Onde quer que eles estivessem, ela jurou que os faria orgulhosos como a nova Rainha Abissal.

Olhou para o alto e disse:

– Obrigada, pai; obrigada, mãe.

Enxugou as lágrimas, sorriu e saiu do banho, pois todos a esperavam. A professora Márcia se pronunciou:

– Bia... nós sentimos muito por tudo o que você passou e queremos que saiba que vamos ajudá-la em tudo o que você precisar.

– Obrigada, professora...

– Saiba que você nunca estará sozinha, Bia – disse Polvina.

– Eu sei, amiga... eu...

Em um apertado abraço das amigas e da professora, Bia sentiu todo o calor e carinho que precisaria para seguir em frente na dura estrada que a aguardava. Polvina estava certa, ela jamais estaria sozinha. Jamais.

– Bia... desculpe pelo jeito que eu te tratei quando você era... Maya – disse Tubarina, sem muito jeito.

– Não tem importância, Tubarina. Eu sei que você nunca faria nada para machucar ninguém.

Nem mesmo Tubarina tinha tanta certeza assim, mas preferiu sorrir e balançar a cabeça positivamente.

Então, o Rei Tubarão saiu de uma porta na parede, onde havia uma escada que levava para a caverna secreta de Espinho.

– Bia, tem pessoas aqui que querem muito te ver.

Espinho havia mantido os pais de Bia como prisioneiros por muito tempo. O Rei Tubarão conseguiu fazer com que um de seus ex-soldados confessasse, e ele pôde libertá-los de uma cela na caverna secreta. Eles estavam abatidos e famintos, porém mais felizes do que jamais estiveram na vida. Eles haviam se lembrado de que tinham uma filha.

– Papai... mamãe...

As feridas no corpo e no coração de Bia se curaram com o tempo. Naquele final de ano, ela viajou com as amigas Polvina, Estér e Tubarina às distantes e desconhecidas terras do Reino Abissal, onde visitaram crianças como Maya, levando roupas, alimentos e carinho. Durante a viagem, ainda tiveram muitas aventuras arriscadas que duraram as férias inteiras. E aquela grande história de coragem e heroísmo foi lembrada pelas gerações de princesas que vieram a seguir, sempre contada pela professora Márcia na forma de uma balada, que ganhou novos versos:

O mal se espalha no Reino Profundo
Na noite escura, a luz será protegida
O segredo para salvar o mundo
É guardado pela Princesa Esquecida

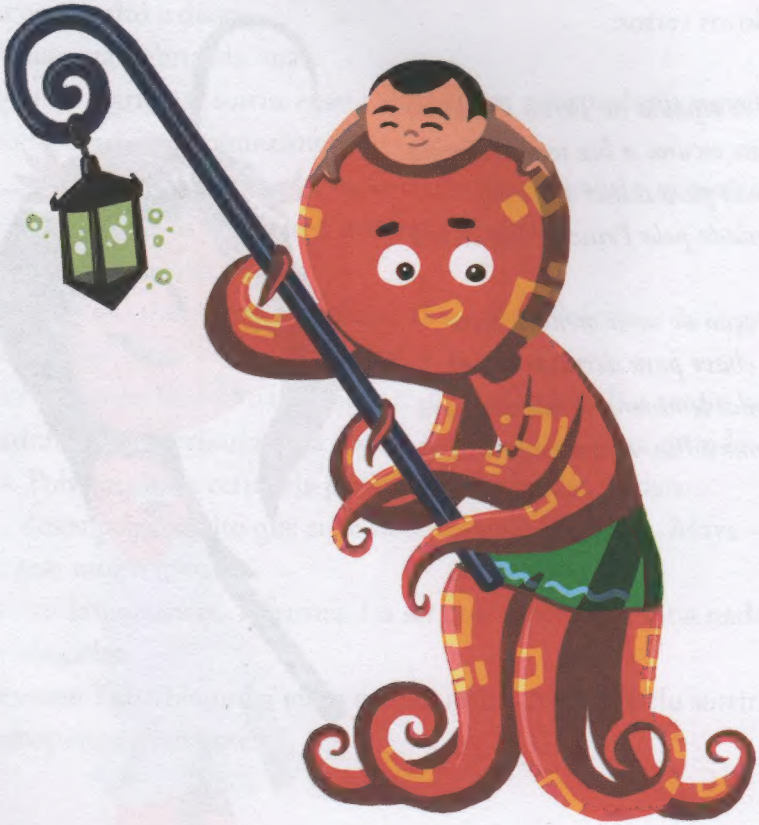
No coração de uma menina pura
Está a chave para derrotar o mal
Que todos lembrem de sua aventura
Seu nome é Bia, a Princesa Abissal

O AUTOR

Fábio Yabu, filho dos professores de matemática Eiji e Satsue, nasceu em 1979, na cidade de Santos (SP). Nunca deu trabalho na escola, porém sempre preferiu as letras e desenhos aos números.

Ele gosta de se desenhar como um polvo com um menino na cabeça, mas, na verdade, ele é um adulto com cabeça de menino. Por isso, gosta de escrever livros para crianças. Lançou a coleção *Princesas do Mar* e o livro *Raimundo, cidadão do mundo* pela Panda Books.

Atualmente, vive perdido em São Paulo. É possível encontrá-lo em livrarias, cafés e congestionamentos da cidade, ou no site www.princesasdomar.com.br, onde ele conversa com os leitores por e-mail.



Os governantes do Mundo de Salácia estão sendo ameaçados por um perigoso rei. Enquanto isso, a Princesa dos Polvos recebe uma misteriosa carta com os seguintes dizeres:

A balada da Princesa Esquecida

O mal se espalha no Reino Profundo
Na noite escura, a luz será protegida
O segredo para salvar o mundo
É guardado pela Princesa Esquecida

Polvina, Estér e Tubarina precisam decifrar o enigma da balada para desmascarar o terrível vilão. Mergulhe nas páginas deste livro e ajude as Princesas do Mar a desvendar este mistério.

ISBN 978-85-88948-99-0
9 788588 948990